

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/PORTUGUÊS**

FLÁVIA GANGORRA PAIVA

**ENTRE A AUDÁCIA, A PAIXÃO E O PRAZER PROIBIDO: O HOMOEROTISMO
EM *BOM-CRIOULO*, DE ADOLFO CAMINHA**

**PICOS
2014**

FLÁVIA GANGORRA PAIVA

**ENTRE A AUDÁCIA, A PAIXÃO E O PRAZER PROIBIDO: O HOMOEROTISMO
EM *BOM-CRIOULO*, DE ADOLFO CAMINHA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras/Português.

Orientador: Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento

PICOS

2014

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

P149e Paiva, Flávia Gangorra.
Entre a audácia, a paixão e o prazer proibido: o
homoerotismo em Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha / Flávia
Gangorra Paiva. – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (63 p.)

Monografia(Licenciatura em Letras-Português) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.
Orientador(A): Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento

1. Naturalismo. 2. Homossexualidade. 3. Patologias
Sexuais. 4. Discriminação. I. Título.

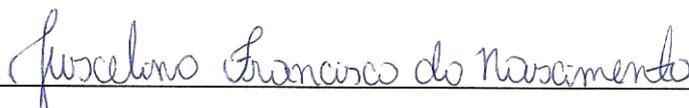
CDD B869.309

FLÁVIA GANGORRA PAIVA

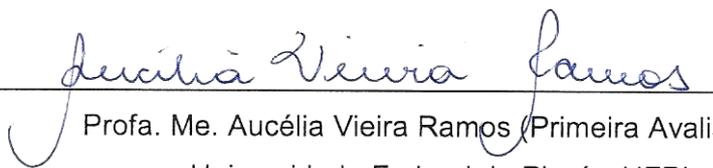
**ENTRE A AUDÁCIA, A PAIXÃO E O PRAZER PROIBIDO: O HOMOEROTISMO
EM *BOM-CRIOULO*, DE ADOLFO CAMINHA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras/Português.

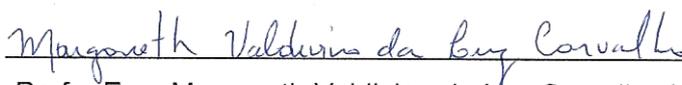
Aprovado em 14 de agosto de 2014.



Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento (Presidente)
Universidade Federal do Piauí – UFPI



Profa. Me. Aucélia Vieira Ramos (Primeira Avaliadora)
Universidade Federal do Piauí – UFPI



Profa. Esp. Margareth Valdivino da Luz Carvalho (Segunda Avaliadora)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Este trabalho é dedicado a algumas pessoas que contribuíram, de maneira direta ou indireta, para que eu alcançasse essa conquista. Ofereço, primeiramente, a Deus, que foi, sem dúvidas, o alicerce que sempre me sustentou, inclusive nos momentos mais difíceis da jornada acadêmica. Dedico aos meus pais, Socorro e Alfredo, que nunca deixaram de acreditar em mim; às minhas amigas de curso, no qual compartilhei momentos únicos e inesquecíveis e, especialmente, ao meu orientador, Prof. Me. Juscelino, que foi um dos principais responsáveis para a concretização dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que além de conceber o dom da vida, me deu forças nos momentos mais difíceis. A Ti, o meu MUITO OBRIGADA!

Aos meus pais, Socorro e Alfredo, que me presentearam com uma das dádivas mais valiosas: a educação. Sem o incentivo de vocês, talvez eu não tivesse chegado a essa grande conquista. Em especial, agradeço a você, MÃE, que é um grande exemplo de força e superação. Graças à sua ajuda, estou conseguindo realizar mais um sonho. Deixo, aqui, minha eterna gratidão e o que tenho a dizer é que amo muito vocês!

Ao meu orientador, Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento, que acreditou na minha capacidade e assumiu a responsabilidade de orientar esta pesquisa, sempre respeitando meus limites e minhas ideias. Obrigada pela sua confiança e apoio. Sem a sua ajuda, talvez esse trabalho não estaria concretizado.

Às minhas amigas de curso, Virlandia, Valdênia, Jakelline e Vandelma. Hoje, mais do que nunca, percebo o quanto sentirei falta de estudar com vocês. Obrigada por estarem ao meu lado, sempre me animando até nos mais momentos tensos e angustiantes da vida acadêmica. Meninas, estamos na reta final do curso, mas a saudade já bate forte e o coração dá um aperto ao imaginar que teremos apenas mais um período juntas. Que a nossa amizade se mantenha sólida após o término do curso. GOSTO MUITO DE VOCÊS, AMORES!

À Karine, minha grande amiga, que, com seu apoio e amizade sincera, me incentivou nessa grande caminhada. Obrigada por fazer parte da minha vida! Com certeza você foi uma das pessoas que mais acreditou no meu potencial.

RESUMO

Esta monografia discute a representação do homoerotismo masculino e visa encontrar, no romance naturalista *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, possíveis aspectos que condenam e inferiorizam a prática homoerótica. Nesse sentido, é importante frisar que, durante a análise, foi levada em consideração a estética literária e o contexto histórico da obra. Posto isso, destaca-se que o Naturalismo deu grande espaço a personagens homossexuais, já que retratou, sem nenhum pudor, relações eróticas entre pessoas do mesmo sexo, apesar de essas ações terem sido descritas como atos imorais. Diante disso, ressalta-se que a obra, analisada por meio de um estudo bibliográfico e com base em autores como Alberoni (1993), Barcellos (2006), Bataille (2013), Bulhões (2003), Castello Branco (1985, 2004), Fry e MacRae (1991), Miguel-Pereira (1973), Thomé (2009) e Zola (1979), foi duramente criticada e censurada por renomados críticos, tendo seu valor literário reduzido justamente por trazer à tona, em sua narrativa, o prazer homoerótico masculino. Foi observado que o narrador apresenta um enredo que trata sutilmente o ato homossexual, porém, há controvérsias, visto que, ao mesmo tempo, essa ação é descrita como um comportamento vicioso e patológico. A partir desses questionamentos, nota-se que a estética naturalista teve como fundamento tratar o homoerotismo como um desvio sexual, qualificado como uma doença marginalizada. Dessa forma, foi analisado que a narrativa de *Bom-Crioulo* está impregnada de ideias conservadoras naturalistas, pois envolve ideologias intermediadas pelo discurso médico-científico, que tratava o prazer homossexual como uma prática desmoralizada e perversa.

Palavras-chave: Naturalismo. Homossexualidade. Homoerotismo. Patologia Sexual. Discriminação.

ABSTRACT

This monograph discusses the representation of male homoeroticism and aims to find the naturalist novel *Good-Creole*, Adolfo Caminha, possible aspects that condemn and inferiority homoerotic practice. Therefore, it is important to note that, during analysis, was taken into account the literary aesthetic and historical context of the work. That said, it is emphasized that Naturalism gave large space to gay characters, as portrayed, without any shame, erotic relations between people of the same sex, despite these actions have been described as immoral acts. Therefore, it is emphasized that the work, analyzed by a bibliographic study and based on authors such as Alberoni (1993), Barcellos (2006), Bataille (2013), Bouillon (2003), White Castle (1985, 2004) Fry and MacRae (1991), Miguel Pereira (1973), Thome (2009) and Zola (1979), was strongly criticized and censured by renowned critics, with its small literary value precisely because it brings up in his narrative, the male homoerotic pleasure. It was observed that the narrator has a plot that is subtly homosexual acts, however, is controversial, since, at the same time, this action is described as a vicious and pathological behavior. From these questions, we note that the naturalistic aesthetic was based treat homoeroticism as a sexual deviation, qualified as a marginalized disease. Thus, it was considered that the narrative of *Good-Creole* is impregnated with naturalists conservative ideas because it involves ideologies brokered by the medical-scientific discourse, that was gay pleasure as a demoralized and perverse practice.

Keywords: Naturalism. Homosexuality. Homoeroticism. Sexual Pathology. Discrimination.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 NATURALISMO: A PROSA FICCIONALISTA EM OPOSIÇÃO À SOCIEDADE .	13
2.1 Realismo e Naturalismo: a negação ao sentimentalismo romântico	13
2.2 Naturalismo: o rompimento de temáticas “sigilosas”	20
3 HOMOEROTISMO: A PROIBIÇÃO EM DESEJAR O MESMO SEXO.....	24
3.1 Liberdade sexual: uma breve introdução sobre a homoafetividade masculina na antiguidade grega.....	24
3.2 Repressão sexual: a imposição da doutrina cristã e do discurso médico-científico	29
3.3 Sexo rotulado: a inferiorização, discriminação e rejeição de pessoas homossexuais	33
4 EROTISMO E PORNOGRAFIA: O PRAZER E O DESEJO SEXUAL EM QUESTÃO.....	41
5 BOM-CRIOULO: A NARRATIVA TRANSBORDADA DE DESEJO HOMOERÓTICO MASCULINO	45
5.1 Romance <i>bom-crioulo</i> : a ousadia do “livro maldito”	45
5.2 A representação do homoerotismo em <i>bom-crioulo</i>	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICES	

1 INTRODUÇÃO

Durante o século XIX, surgiram diversas ideologias que se propuseram a investigar a causa da homossexualidade. Desse modo, tanto a Igreja como as ciências médicas foram as principais responsáveis em julgar a prática homoerótica. Nesse aspecto, a estética naturalista, induzida por essas ideias, levou para a cena literária temáticas que envolviam, principalmente, personagens homossexuais. Contudo, o Naturalismo acabou por fortalecer o pensamento de que a homossexualidade era uma patologia sexual, porque estava relacionada aos distúrbios mentais de determinado indivíduo e também pelo fato de acreditar que essa “doença do sexo” estava associada a desequilíbrios hormonais, que poderiam atuar sobre o hipotálamo da criança, causando, de certa forma, a homossexualidade (FRY; MACRAE, 1991).

Assim, destacamos que a estética naturalista, ao discorrer sobre essa temática homoerótica, causa, algumas vezes, certo estranhamento e desconforto, na maioria dos leitores, como também na crítica, já que contém, na sua narrativa, cenas caracterizadas pelo sensualismo e por descrições minuciosas de relações sexuais protagonizadas, principalmente, por personagens pertencentes ao mesmo sexo. Nessa perspectiva, Thomé (2009, p. 15) afirma que “(...) os homossexuais foram estigmatizados por nossos literatos, refletindo a mesma cruel ideologia dominante em suas épocas (...)”. Diante dessa constatação, este estudo visa trabalhar com a problemática que é investigar aspectos negativos a respeito do homoerotismo e que estão correlacionados com o pensamento científico e religioso da época em estudo. Dessa forma, o *corpus* dessa pesquisa está pautado no centro narrativo do romance *Bom-Crioulo*, o qual relata o envolvimento homossexual entre os protagonistas Amaro e Aleixo, personagens que serão o principal foco desse trabalho.

De acordo com Castello Branco (2004), os romances pertencentes ao Naturalismo assumiam uma posição de combate, no qual buscavam enfrentar doenças, principalmente de instinto sexual, para manter a saúde da sociedade do século XIX. Além disso, a referida autora argumenta que a homossexualidade (nessa época, não existia o termo homoerotismo) estava diretamente vinculada a uma patologia sexual e, por esse motivo, buscava-se “curar” pessoas que “padeciam” dessa “enfermidade”. Assim, as obras de caráter naturalista tinham, como uma de suas características, o uso, nas narrativas, um discurso médico-

científico que condenava qualquer atitude sexual que não se enquadrava nas regras exigidas pelas instituições médicas e religiosas que exaltavam o sexo apenas após o casamento.

Nesse sentido, tendo como suporte as ideologias conservadoras da estética naturalista, buscamos, por meio deste estudo, abordar aspectos representativos do homoerotismo masculino, dando ênfase ao romance *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha. Nessa perspectiva, também objetivamos possibilitar uma melhor compreensão sobre os desejos e as relações homossexuais conforme a visão da prosa naturalista, bem como discutir sobre a contextualização histórica do homoerotismo no século XIX, levando em consideração características presentes no romance em questão. Além disso, ainda se faz necessário identificar, com base na análise e discussão da obra em estudo, possíveis fatores que condenam a prática homoerótica.

Sobre a escolha da temática, afirmamos que ela se deu em face da apreciação da Literatura, pela qual podemos adquirir um pensamento mais maduro acerca dos problemas que sempre existiram na sociedade, principalmente aqueles que chegam a causar um grande impacto, levando em consideração que nem todo mundo possui o mesmo ponto de vista sobre determinado assunto. Ao percebermos, em algumas leituras, que, ao falar do Naturalismo, o romance *Bom-Crioulo* foi e ainda é qualificado pejorativamente, já que retrata uma relação homoerótica sem nenhum pudor, buscamos descobrir o porquê de tanta censura dada à obra e percebemos que o narrador não expõe sua opinião sobre tal assunto, porém, ao longo da narrativa, evidenciamos que ele deixa “pistas” que condenam a homossexualidade. A partir daí, surgiu o interesse em pesquisar o homoerotismo no romance citado.

Para isso, adotamos alguns enfoques teóricos que versam, principalmente, sobre assuntos literários, históricos e sociológicos e que envolvem, especialmente, a sexualidade e a temática homoerótica. Sobre a crítica literária realista e naturalista, utilizamos, dentre outros, Bosi (2006), Coutinho (2004), Miguel-Pereira (1973), Moisés (1985), Sodré (1965) e Zola (1979). Em relação ao erotismo e à sexualidade, recorreremos a Alberoni (1993), Bataille (2013), Bulhões (2003), Castello Branco (2004, 1985), Durigan (1985), Foucault (2006, 2007), Weeks (2000) e Paz (1994). No que concerne ao homoerotismo, embasamos esta pesquisa com base em

Barcellos (2006), Costa (1992, 2004), Fry e MacRae (1991), Lopes (2002), Thomé (2009), entre outros.

Nesse aspecto, para o desenvolvimento dessa monografia, destacamos que foi inserida uma proposta metodológica do material pesquisado a partir do levantamento bibliográfico. Diante disso, observa-se que os estudos explicativos, segundo Gil (2011, p. 28) “são aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.” Sendo assim, esta pesquisa possui caráter explicativo, pois tem, como principal finalidade, esclarecer como é representada a prática homoerótica no romance em análise.

Em relação à estrutura, esta monografia está organizada em seis capítulos. No primeiro capítulo, temos a introdução. No segundo, falaremos sobre o Realismo e o Naturalismo no Brasil. Explicaremos, em linhas gerais, as semelhanças e distinções sobre essas estéticas literárias. Além disso, daremos maior visibilidade ao Naturalismo, abordando suas principais características e sua inovação no campo literário no que diz respeito a temáticas polêmicas e inovadoras.

O terceiro capítulo aborda o homoerotismo. Inicialmente, refletiremos sobre a distinção entre homoerotismo e homossexualidade para, logo em seguida, falarmos sobre as relações sexuais entre iguais no período da Grécia Antiga, explicando sobre a falta de rótulos para discernir o comportamento heterossexual, homossexual e bissexual. Em seguida, abordaremos a sexualidade no século XIX, que passou a ser cultuada pela Igreja e pela Medicina, vinculada a Ciência, onde pregavam ideologias que iam contra o prazer sexual e, além disso, se preocupavam, também, em criar a palavra homossexualidade, para se referir a uma doença de cunho sexual. Ainda no mesmo capítulo, trataremos sobre a homossexualidade nesse período, discutindo a rejeição sofrida pelos homossexuais e, também, a importância de não atribuir o termo “opção” a pessoas que praticam o homoerotismo.

O quarto capítulo versa, brevemente, sobre a distinção entre Erotismo e Pornografia, para esclarecer em qual área está situada o romance *Bom-Crioulo*. Primeiramente, falaremos sobre um dos contos mitológicos que deu origem ao Erotismo, para que se possa compreender a relação entre a interdição e a transgressão que estão ligadas à prática erótica. Em seguida, trataremos sobre algumas diferenças entre o erotismo e a pornografia, com base em alguns pressupostos teóricos.

O quinto capítulo procede à análise crítica do romance *Bom-Crioulo*, tratando sobre a censura da obra em estudo e analisando, em sua narrativa, aspectos que condenam a prática homoerótica entre o envolvimento dos personagens Amaro e Aleixo. Por fim, no sexto capítulo, teceremos algumas considerações finais, onde discorreremos sobre o resultado dessa pesquisa.

Com este estudo, esperamos dar uma contribuição aos estudos literários, sobretudo àqueles que se detêm à Literatura Brasileira e às obras do Naturalismo. Esperamos, ainda, que novas pesquisas nessa área sejam desenvolvidas, de modo que o (homo)erotismo seja estudado, na Academia, de forma desvinculada de quaisquer preconceitos e rejeições de qualquer sorte.

2 NATURALISMO: A PROSA FICCIONALISTA EM OPOSIÇÃO À SOCIEDADE

2.1 Realismo e Naturalismo: a negação ao sentimentalismo romântico

Segundo a opinião generalizada dos historiadores, o ano de 1870 foi marcado pela passagem de uma fase a outra (da escravidão ao capitalismo), no desenvolvimento do nosso país, (SODRÉ, 1965). O Brasil passava por várias mudanças nos setores econômico, político, social e artístico, no entanto, ao contrário da Europa, o processo de desenvolvimento industrial ainda não acontecia, uma vez que predominava a mão de obra agrária e escrava nas lavouras cafeeiras. Com a extinção do tráfico negreiro, com a Lei Eusébio de Queiróz, em 1850, a economia açucareira entrou em declínio, propiciando o deslocamento do eixo de prestígio para a região Sul (BOSI, 2006). Em 1888, foi sancionada a Lei Áurea que, apesar de não extinguir totalmente a escravidão, proporcionou uma nova forma de vida à sociedade. Sendo assim, o processo abolicionista ocasionou a vinda de imigrantes para trabalharem nas fazendas, fortalecendo a economia agrícola, principalmente no centro-sul brasileiro.

No campo político, o regime monárquico encontrava-se em crise, pois era incapaz de conter e conduzir as transformações em processo (SODRÉ, 1965), no entanto, a nobreza não ansiava em abandonar o poder, mas devido à insatisfação de grande parte da sociedade, a monarquia foi banida, dando espaço ao governo republicano em 1889. Nesse ponto, Bosi (2006, p. 173) declara que “os anos de 60 tinham sido fecundos como preparação de uma ruptura mental com o regime escravocrata e as instituições políticas que o sustentavam”. Baseado nessas ideias, esse período foi marcado por revoluções políticas, que provocaram a não aceitação tanto da Monarquia, como também do Clero e da Burguesia, além de ter propiciado a implantação da democracia.

Conforme Sodré (1965, pág.13), “a segunda metade do século XIX assiste à expansão burguesa no mundo (...)”. Diante disso, o panorama social dá espaço à burguesia nesse período, favorecendo progresso financeiro e tecnológico, graças ao surgimento de fábricas, que necessitavam de operários para trabalharem nas indústrias e demais setores, surgindo assim, o trabalho assalariado. Sodré (1965, p.158, grifos no original) destaca que no ano de 1870 ocorreram acontecimentos

marcantes que trouxeram mudanças significativas em nossa existência humana, sobre os episódios de grande repercussão, ele cita:

(...) o encerramento da guerra com o Paraguai, a fundação do Clube Republicano e do jornal *A República*, e o lançamento do Manifesto Republicano, fatos do ano citado. Seguem, na seriação cronológica, com a Lei do Ventre Livre, de 1871; a Questão Religiosa, em 1874; a libertação dos sexagenários, em 1885; a Abolição e a Questão Militar, em 1888; a República, em 1889; a primeira Constituição republicana, em 1891; o governo de Floriano Peixoto e a rebelião federalista, em 1892; a campanha de Canudos, em 1897; o primeiro *funding-loan*, em 1898.

Nesse contexto, na segunda metade do século XIX, a Literatura foi marcada por transformações estéticas. Os dois grandes movimentos literários, que atuaram na prosa, conhecidos como Realismo e Naturalismo, tiveram sua primeira aparição na França, tendo como precursores Gustave Flaubert e Émile Zola, respectivamente. Essas correntes literárias tinham como finalidade produzir uma nova arte que abandonasse o subjetivismo romântico, rompendo com as ideias tradicionais, tendo como primeiro plano adotar uma crítica social mais realista, tornando-se pertinente mostrar os problemas e conflitos que rondavam a sociedade dessa época.

Com base nas ideias de Miguel-Pereira (1973, p. 53), o Realismo brasileiro ganha atenção em 1881, com a publicação do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do renomado autor Machado de Assis. Segundo Miguel-Pereira (1973, p. 55-56) “começou-se a escrever para procurar a verdade, e não mais para ocupar os ócios das senhoras sentimentais e de um ou outro cavalheiro dado a leituras frívolas.” Partindo desse pressuposto, a prosa realista se caracteriza como antirromântica, pois tem a intenção de levar para suas narrativas a representação fiel da sociedade da época, sendo assim, “o Realismo fornece uma interpretação da vida” (COUTINHO, 2004, p. 10), ou seja, os autores dessa arte literária procuravam criar um retrato da sociedade desse período, por isso adotavam romances de caráter documental, em que se reuniam fatos e problemas sociais, com o propósito de registrar o real, procurando interpretá-lo.

Em relação à subjetividade romântica, Bosi (2006, p. 177) afirma que:

O romântico não teme as demasias do sentimento nem os riscos da ênfase patriótica; nem falseia de propósito a realidade, como anacronicamente se poderia hoje inferir: é a sua forma mental que está saturada de projeções e identificações violentas, resultando-lhe natural a mitização dos temas que escolhe. Ora, é esse complexo ideo-afetivo que vai cedendo a um processo de crítica na literatura dita “realista”. Há um esforço, por parte do escritor antirromântico, de acercar-se impessoalmente dos objetos, das pessoas. E uma sede de objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século.

Seguindo essa linha de raciocínio de Bosi (2006), a idealização romântica não é por acaso, uma vez que os autores dessa corrente literária pretendiam levar para suas narrativas um mundo alegórico para fugir dos conflitos sociais, por esse motivo, criavam personagens abstratos para produzir um efeito emotivo no leitor e amenizar um pouco os problemas. Contudo, os realistas não concordavam com esse subjetivismo exacerbado, pois acreditavam que já estava na hora de levar para a prosa ficcional temáticas completamente voltadas para a sociedade e, por isso, o Romantismo foi sendo aos poucos extinguido, propiciando uma nova visão de encarar as desigualdades sociais.

Sobre o Realismo brasileiro, Bosi (2006, p. 177) afirma que: “(...) só o estudo atento dos processos sociais desencadeados nesse período fará ver as raízes nacionais da nova literatura (...)” Baseado nesse pressuposto, ressalta-se a grande preocupação dos autores realistas em adotar uma nova concepção literária, visto que esta auxiliará a compreender situações problemáticas que afligem e preocupam a sociedade como um todo. Diante disso, as obras desse período serão ancoradas numa nova produção estética, que visem a uma observação impiedosa e fiel sobre temáticas ignoradas pelo Romantismo, como o ataque a grandes Instituições, como a Igreja e o casamento burguês. Nesse sentido, o Realismo através de uma ironia que se move de maneira ideológica e inflexível, servirá como base de vozes oprimidas, submersas pela alta sociedade.

Por meio de uma linguagem formal, mas, acima de tudo, simples e objetiva, o Realismo se deteve a observação fiel da sociedade, pois segundo Coutinho (2004, p. 10) “(...) a precisão e a fidelidade na observação e na pintura são essenciais características realistas.” Nesse aspecto, foram incorporados nas prosas realistas, personagens que se assemelham com tipos humanos, proporcionando maior verossimilhança ao enredo. Além disso, “a narrativa realista move-se lentamente” (COUTINHO, 2004, p. 11), graças a descrições minuciosas, ricas em

detalhes, que proporcionam ao leitor uma visão ampla dos acontecimentos narrados.

Conforme o pensamento de Bosi (2006, p. 179, grifos do original):

(...) as vicissitudes que pontuaram a ascensão da burguesia durante o século XIX foram rasgando os véus idealizantes que ainda envolviam a ficção romântica. Desnudem-se as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima; e buscam-se para ambas causas naturais (*raça, clima, temperamento*) ou culturais (*meio, educação*) que lhes reduzem de muito a área de liberdade. O escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento.

Com base na citação acima, o Realismo estava preocupado em revelar a verdadeira face da população, pois um dos principais propósitos dos realistas era desmascarar a hipocrisia da sociedade da época, objetivo este que se contrapunha ao Romantismo. Sendo assim, os autores realistas procuraram retratar temas desafiadores, visto que até aquele momento, nenhum movimento literário ousou mostrar as injustiças sociais. Ao contrário do Romantismo, que possuía em suas narrativas um amor idealizado, os autores realistas retratavam a temática amorosa através de mentiras e adultérios. De fato, a prosa realista possui uma contemporaneidade inegável (COUTINHO, 2004), já que ela nos proporciona uma visão mais ampla sobre a sociedade da época, dotada de falso moralismo.

Ainda no século XIX, as ciências naturais tiveram grande desenvolvimento, conforme apontado por Sodré (1965, pag. 15) ao afirmar que “o mundo começa a ser desvendado pela ciência (...)”. Nesse ponto, com o auxílio da medicina e da biologia, as leis naturais passaram a analisar as ações do homem através de métodos científicos. Zola (1979) explica que os fundamentos obtidos com base na ciência, servirão como respostas moralistas e concretas para justificar a conduta do indivíduo, inserido principalmente no âmbito coletivo. Dessa maneira, a era científica teve como finalidade proporcionar um padrão estilístico de vida à sociedade desse período.

Coutinho (2004) argumenta que as teorias científicas que entraram em vigor na segunda metade do século XIX, tiveram grande influência no espaço social, visto que interferiu no pensamento e nos valores, como também no íntimo dos seres humanos. Sobre as teorias que tiveram grande destaque nessa época,

Coutinho (2004) explica que a biologia e a sociologia passaram a ter um vínculo de ideologias que exaltavam, principalmente, a evolução do homem. Dessa forma, as principais doutrinas foram a de Charles Darwin, que pregava o princípio do determinismo biológico; o Positivismo, de Augusto Comte, que estabeleceu a ideia de que o verdadeiro conhecimento só pode ser alcançado com base na ciência; o Determinismo, de Hippolyte Taine, que acreditava que o homem era condicionado por fatores da natureza; e o Socialismo, de Herbert Spencer, que implicava com o pensamento evolucionista. É importante frisar que essas doutrinas estavam todas apoiadas na experiência científica de Claude Bernard, que estudava o funcionamento das estruturas biológicas e procurava elucidar os fatos analisados.

Conforme essas ideias, destaca-se que “a ciência experimental não deve se preocupar com o *porquê* das coisas; ela explica o *como*, e nada mais” (ZOLA, 1979, p.27, grifos do original). De acordo com a afirmação de Zola (1979), compreende-se que a obrigação da ciência nesse período era apenas justificar com base em teorias, os fenômenos existentes no século XIX, que até então ainda não tinham sido investigados. Dessa forma, a experiência científica baseia-se em um pessimismo social, no qual, apenas eram analisados os pontos negativos da sociedade.

Baseado nisso, a arte literária já não se conformava em apenas mostrar a realidade social, pois também era necessária uma pesquisa analítica, que focasse na natureza, influenciando no comportamento do ser humano. Sendo assim, o Realismo vai se expandindo, dando espaço ao Naturalismo, que foi introduzido no Brasil com *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo. Essa nova estética propunha-se a explicar e criticar a personalidade humana através de romances de caráter científico, que traziam personagens corrompidos pelo meio, revelando seu lado doentio, pois segundo Bosi (2006, p. 182): “(...) o naturalista julga interessante o patológico, porque prova a dependência do homem em relação à fatalidade das leis naturais.” Partindo dessa ideia, os naturalistas buscavam possíveis respostas na Fisiologia sobre os problemas encontrados na sociedade, e através disso, criavam romances, que tinham como crítica central as classes sociais, tidas como “inferiores”.

Desse modo, a sofreguidão em anunciar as façanhas descobertas pelos métodos científicos fez dos escritores naturalistas verdadeiros cientistas, visto que lhes era concedido o privilégio de analisar acontecimentos e situações que não

poderiam ser avaliados por pessoas leigas. Nesse aspecto, os escritores pertencentes à estética do Naturalismo procuravam sondar, rigorosamente, o espaço social, na intenção de encontrar e solucionar os problemas encontrados (MOISÉS, 1985).

A prosa naturalista acrescentou ao Realismo o determinismo biológico e social, onde o meio, a raça e o momento histórico passam a interferir no caráter do homem, acreditando que esses três fatores podem influenciar no seu comportamento. Nessa perspectiva, Bosi (2006, p. 183) nos diz que:

O determinismo reflete-se na perspectiva em que movem os narradores ao trabalhar suas personagens. A pretensa neutralidade não chega ao ponto de ocultar o fato de que o autor carrega sempre de tons sombrios o destino de suas criaturas.

Sendo assim, a tese determinista de Taine terá forte influência da fisiologia, pois procura explicar que o homem é incapaz de modificar seu destino, visto que qualquer acontecimento possui uma causalidade, propiciada pelas leis da natureza humana. Esse princípio científico acredita que o ser humano não possui livre arbítrio para tomar decisões, já que o mesmo é condicionado pelo meio ao qual está inserido (COUTINHO, 2004).

Sobre a apreensão da história e da sociologia, Coutinho (2004, p. 23) assegura que “a conduta humana e a evolução da sociedade constituíram a maior preocupação”. Nesse aspecto, entra como destaque a doutrina defendida por Spencer, que enxergava o âmbito social como um mecanismo, no qual se evoluía constantemente, além disso, outro ponto que chamou a atenção de Spencer foram às desigualdades sociais (COUTINHO, 2004), que sempre privilegiava as classes mais nobres, enquanto as camadas tidas como inferiores eram alvo de discriminação.

Outra grande característica que qualifica o Naturalismo é o processo denominado zoomorfização. Assim, autores naturalistas costumam retratar o homem, em suas obras, como um ser animalesco devido ao fato de o narrador comparar os personagens a animais, levados por seus instintos. Nessa direção, Bosi (2006, p. 203) assegura que:

A redução das criaturas ao nível animal cai dentro dos códigos antirromânticos de despersonalização; mas que uma análise mais percuciente atribuiria ao sistema desumano de trabalho, que deforma os que vendem e ulcera os que compram, à consciência do naturalista aparece como um fado de origem fisiológica, portanto inapelável.

Conforme essa ideia, o ser humano se torna um ser irracional, desprovido da capacidade de pensar, por esse motivo, acaba tomando atitudes erradas e precipitadas, simplesmente por não possuir a razão. Essa corrente filosófica acredita que a evolução dos seres vivos é imprescindível, pois apenas os mais fortes e superiores conseguem sobreviver ao meio ao qual estão inseridos (COUTINHO, 2004).

Nesse aspecto, a prosa naturalista se define pelo seu cientificismo e, por esse motivo, é denominada de romance de tese ou experimental, já que servia como uma espécie de diagnóstico do comportamento humano, pois, segundo Castello Branco (2004, p. 51)

(...) os romances experimentais eram verdadeiros diagnósticos da sociedade da época. E através da análise, classificação e dissecação dos corpos doentes, o naturalismo afasta definitivamente da ordem social os comportamentos indesejáveis. A literatura, nesse momento, abria mão de seu caráter prioritariamente estético e prazeroso para prestar uma generosa e eficiente contribuição à saúde pública.

Sendo assim, o romance experimental traz, em sua narrativa personagens tipificados corrompidos pelo meio, além disso, qualquer tipo de comportamento considerado “errado”, é visto pelos naturalistas como um desvio, anomalia ou até mesmo uma patologia. Baseado nas ideias de Zola (1979), o que constitui esses romances são as manifestações intelectuais e sensuais, explicadas pela fisiologia sob as influências da hereditariedade e do ambiente, além disso, o homem também será analisado no meio social, no qual ocorrerá transformação contínua.

Diferente do Realismo, o Naturalismo procurar submeter e compreender a realidade social através de teses científicas, pois segundo Coutinho (2004, p. 12) “a visão da vida no Naturalismo é mais determinista, mais mecanicista (...)”. Nesse ponto, o homem passará a ser entendido não como um ser de valor abstrato, de difícil compreensão, mas como um ser humano incapaz de controlar seus instintos, sendo fortemente influenciado pelo meio no qual está inserido.

Por possuírem o mesmo fundamento ideológico, como mostrar a veracidade dos fatos por meio da objetividade, as estéticas denominadas de Realismo e Naturalismo possuem características que as diferenciam, tornando visíveis suas particularidades. Devido às semelhanças dos romances realistas e naturalistas, Bosi (2006, p. 178) afirma que “o Realismo se tingirá de naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das ‘leis naturais’ que a ciência da época julgava ter codificado (...)” Ou seja, com base nas ideias de Bosi (2006), o Naturalismo pode ser enxergado como uma ampliação do Realismo, visto que o romance naturalista também se preocupa em mostrar à realidade dos fatos, dando ênfase a objetividade. Ainda nessa linha de pensamento, Coutinho, (2004, p. 11) relata que:

Quanto ao Naturalismo, é um Realismo a que se acrescentam certos elementos que o distinguem e tornam inconfundível sua fisionomia em relação a ele. Não é apenas um exagero ou uma simples forma reforçada do Realismo, pois que o termo inclui escritores que não se confundem com os realistas.

Diante disso, é importante ressaltar que a estética naturalista não se define apenas como uma forma mais exagerada e profunda de encarar o homem, e sim como apontado por Coutinho (2004, p. 11) ao afirmar que o Naturalismo: “é o Realismo fortalecido por uma teoria peculiar de cunho científico (...)” Ou seja, sendo esta corrente literária influenciada pelo Positivismo, ela se responsabilizará em retratar a realidade numa visão científica, portanto, o que caracteriza e define o Naturalismo são as teorias científicas, responsáveis por explicar o comportamento humano, principalmente nas classes mais baixas.

2.2 Naturalismo: o rompimento de temáticas “sigilosas”

Assim como o Realismo, o Naturalismo trouxe inovações no campo literário, porém, é importante ressaltar que, as obras naturalistas propuseram em seus romances temas que nem mesmo o Realismo ousou mostrar, pois segundo Coutinho (2004, p. 73) “o Naturalismo, com seu sentido polêmico, tenderia a ultrapassar os limites de uma simples transposição do mundo objetivo que o Realismo proporcionava.” Nesse sentido, o Naturalismo se define pela sua

polêmica, por trazer em suas narrativas personagens e temas considerados interditos.

Na intenção de fazer uma nova literatura, os autores naturalistas adotaram uma visão de mundo irônica e crítica, propondo romances que trouxessem à tona a falta de conduta do ser humano, onde a moral e a ética se distanciavam das atitudes do homem. Nesse ponto, essas obras eram sucesso entre o público de venda, e ao mesmo tempo, suas leituras também eram criticadas e até censuradas, pois abordavam temas considerados tabus para a época, principalmente por apresentarem uma sensualidade explícita.

Sodré (1965) argumenta que a arma mais poderosa do Naturalismo é a sua fidelidade em descrever detalhadamente o ambiente social, ampliando o espaço observado, no intuito de revelar sem medo, fatos que antes eram vedados. Nesse sentido, com base nas ideias desse autor, a técnica do Naturalismo tende a dar preferência a assuntos amargos, que na maioria das vezes, não possui um final feliz na narrativa, já que, os escritores naturalistas pretendiam abalar a sociedade através de questões torpes.

Renovando a arte literária com uma observação fiel da sociedade, Sodré (1965) nos leva a compreender que o Naturalismo reproduzia em suas narrativas o comportamento humano através de personagens tipificados, que apesar de serem ficcionais, possuíam características que representavam a sociedade da época. Temas que antes eram ocultados pelo Romantismo, principalmente sobre a idealização amorosa, foram expostos de maneira violenta e constrangedora pelos naturalistas, que expuseram de forma impiedosa principalmente a exploração sexual.

Nesse íterim, ressalta-se que o Naturalismo deu ênfase a temáticas vistas como “imorais”, porque costumava evidenciar, em seus romances, questões voltadas, principalmente, ao sexo e que não atendiam aos padrões de comportamento estabelecidos nessa época, os quais exigiam a prática sexual apenas no casamento. Partindo dessa ideia, as obras naturalistas, ao trabalhar o desvendamento daquilo tido como “proibido”, tinham o objetivo de escrever em prol da sociedade, no intuito de classificar e controlar a marginalidade sexual.

Sobre a propagação das teorias científicas, Castello Branco (2004, p. 50) afirma que:

O curioso é que essas idéias científicistas não se propagaram apenas através da medicina e da biologia, mas invadiram os lares lançando mão de um discurso ainda mais impiedoso, embora sutil: o discurso literário. O naturalismo, estilo que esteve em moda na época, nada mais é do que o discurso literário das idéias científicas de seu tempo. As personagens dos romances naturalistas encarnavam as mais freqüentadas anomalias do século XIX: o homossexualismo, a prostituição, a histeria, o alcoolismo, etc. E os narradores, imbuídos de ideologia científicista de então, eram os doutores que diagnosticavam o puro e o impuro, saudável e o doentio, a sanidade e a loucura.

De acordo com a citação acima, baseada nos estudos das leis naturais que surgiram em pleno século XIX, a prosa ficcional naturalista irá quebrar com os cânones dos movimentos literários anteriores, trazendo, em suas narrativas, a exploração da classe popular, com personagens ainda não vistos, como o alcoólatra, o negro, o homossexual, a prostituta. Abusando de temáticas polêmicas e inovadoras, esses romances irão chocar e constranger a sociedade da época vigente, com uma linguagem simples e precisa e, acima de tudo, científica.

Nesse aspecto, destaca-se que essa estética faz uso das patologias sexuais em suas narrativas, onde o sexo é visto como algo compulsivo que faz parte do instinto humano, passível de traições, prostituição, relações homoeróticas e que nunca será visto de forma positiva, mas como algo que causa repulsa. Acerca do patológico, é importante frisar que, nos romances naturalistas, a patologia está associada a comportamentos sexuais que não se limitam ao casamento e, dessa forma, qualquer atividade sexual existente fora do âmbito matrimonial era retratada, no Naturalismo, como práticas pervertidas, tachadas de “amores contra a natureza” (CASTELLO BRANCO, 1985).

Ao ter como preferência temáticas inovadoras e proibidas, o Naturalismo trouxe, pela primeira vez para prosa ficcional, o homoerotismo, mas, segundo a visão naturalista, o homossexual é retratado como um ser corrompido e anormal, pois conforme Castello Branco (2004, p. 53) “as prostitutas, os homossexuais e as históricas dos romances naturalistas não são personagens inteiros, donos dos seus próprios desejos, mas corpos automatizados e possuídos pelas ‘imperiosas necessidades da carne’”. Nesse aspecto, o personagem homossexual, apesar de ter seu espaço na narrativa, ele não consegue controlar seu impulso e desejo sexual, por esse motivo, passa a ter um comportamento “desviante”.

Na intenção de observar de maneira materialista o homem, o Naturalismo teve grande destaque por colocar em primeira opção personagens estereotipados que se assemelham com pessoas comuns. Baseado nisso, Lopes (2002, p. 126) afirma que “com o Naturalismo é que se pode falar da emergência de uma prosa homotextual no Brasil, que terá implicações na representação do até o presente”. Nesse sentido, apesar do Naturalismo ser a primeira estética literária a abordar relações homoeróticas, ela exprime pensamentos preconceituosos, que julgam o homoerotismo como uma patologia sexual, ou seja, uma doença.

Com base nas ideias de Coutinho (2004), a estética naturalista poderia enfrentar situações sociais que marginalizam o indivíduo, todavia, durante uma temporada, o Naturalismo simplesmente se adaptou as ideias que predominaram no século XIX. Nesse sentido, o “comportamento homossexual” do personagem na narrativa é tido como “aberrações sexuais” que poderiam contaminar pessoas “normais”.

Em relação à homossexualidade na literatura, Thomé (2009, p. 210) nos diz que:

(...) a literatura tem um papel crucial, quer por contribuir para a preservação da ordem estabelecida, quer, ao contrário, subvertendo-a. Ao trazer para cena o sujeito homossexual, a literatura tanto pode confirmar – e reafirmar – a marginalidade dessa condição, como reordenar os papéis que nos cabem ao grande enredo da vida (...).

Portanto, cumpre destacar que o Naturalismo apresenta um caráter repressivo em relação ao comportamento da sociedade, já que, apesar de relatar, com neutralidade, relações homoafetivas em seus romances, essa estética, fundamentada em um pensamento moralista, marginaliza o homossexual, expondo sua orientação sexual como uma patologia. Por outro lado, teve papel essencial na literatura ao abordar relações homoeróticas, com personagens que vivem de maneira intensa a paixão carnal, encarando o orgulho e, principalmente, a dor.

3 HOMOEROTISMO: A PROIBIÇÃO EM DESEJAR O MESMO SEXO

3.1 Liberdade sexual: uma breve introdução sobre a homoafetividade masculina na antiguidade grega

A partir desse capítulo, a expressão “homoerotismo” será utilizada para se referir a relações íntimas e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. No entanto, os termos “homossexualidade”, “homossexualismo” e “homossexual” também serão usados, caso sejam adequados ao contexto ao qual estiverem relacionados. Essa preferência ocorre pelo fato de que esses termos nos remetem à ideia de desvio e patologia sexual, pensamento que surgiu a partir do século XIX, porém, ressalta-se que tais palavras, ao serem empregadas por qualquer indivíduo, não significa, necessariamente, dizer que ele possui aspectos preconceituosos, já que isso depende da intenção autônoma do caráter moral de cada um (COSTA, 1992). Nesse aspecto, de acordo com Costa (1992, p. 21-22), a preferência em usar a expressão homoerotismo se dá:

Primeiro, porque se exclui toda e qualquer alusão a doença, desvio, anormalidade, perversão etc., que acabaram por fazer parte do sentido da palavra ‘homossexual’. Segundo, porque nega a idéia de que existe algo como ‘uma substancia homossexual’ orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas. Terceiro, enfim, porque o termo não possui forma substantiva que indica identidade, como no caso do ‘homossexualismo’ de onde derivou o substantivo ‘homossexual’.

Nesse ponto, conforme a citação acima, o termo homoerotismo é considerado o mais adequado para fazer alusão às práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, visto que não abrange ideias associadas à perversão ou doenças de instinto sexual. Além disso, para Costa (1992), outro fator que privilegia a denominação homoerotismo está vinculado a aspectos históricos, pois a expressão “homossexual” é pejorativa, visto que se encontra totalmente relacionada com “o contexto médico-legal, psiquiátrico, sexológico e higienista de onde surgiu” (COSTA, 1992, p. 24). Dessa forma, ela repassa a noção de anormalidade, que contraria os padrões voltados à conduta masculina solicitados pela burguesia, na qual a função do homem é ser pai de família. O termo “homossexual” também está

impregnado de “crenças preconceituosas” (COSTA, 1992), que acreditam ser comum dividir as pessoas com base na sua orientação sexual.

Dessa forma, entende-se por homoerotismo a “[...] possibilidade que têm certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico” (COSTA, 1992, p. 22), ou seja, as relações homoeróticas existem quando pessoas do mesmo sexo se relacionam entre si amorosa e sexualmente, portanto o homoerotismo está voltado para o amor ou paixão carnal entre iguais. Sobre o conceito de homoerotismo, Barcellos (2006, p. 20) acredita que:

(...) é muito útil, por vários motivos. Em termos de história e crítica da cultura, tem a vantagem de não impor nenhum modelo pré-determinado, permitindo assim que se respeitem as configurações que as relações entre homens assumem em cada contexto cultural, social ou pessoal específico. Em termos de crítica literária, é de vital importância para a análise de determinadas obras, precisamente por não impor a elas ou a seus personagens modelos ou identidades que lhes são estranhos.

Nesse sentido, de acordo com o exposto acima, compreende-se que a importância em conceituar o termo homoerotismo se dá pelo fato de não se fazer associações com valores que julgam e condenam o ato homoerótico. Dessa forma, ao empregar a palavra homoerotismo, procura-se evitar ideias equivocadas ligadas ao passado, precisamente ao século XIX. Já em relação à crítica literária, a necessidade de se conhecer o conceito de homoerotismo é imprescindível, já que ajuda a não criar possíveis identidades antecipadas para os personagens em determinada narrativa.

As relações homoeróticas existem desde o início dos tempos, todavia, ainda hoje é incontestável a persistência de atos que maltratam, condenam e subestimam essa prática sexual, conforme apontado por Thomé (2009, p. 22) ao afirmar que “a leitura da História não nos deixa mentir: o homossexual sofre discriminações e preconceitos não só dos que compõem o padrão hegemônico, mas, inclusive, dos que, como ele, estão à margem deste mesmo padrão”. Por esse ponto de vista, vê-se que, além de ser discriminado por indivíduos homossexuais, pela sociedade e também pelos familiares, o sujeito que pratica o homoerotismo, muitas vezes, também não aceita sua própria orientação sexual.

É importante esclarecer que o homoerotismo nem sempre foi alvo de discriminação, pelo contrário, da mesma forma que é criticada, essa orientação sexual também já foi exaltada. No período da Grécia Antiga, os gregos não possuíam nenhum tipo de preconceito em relação à prática homoerótica e a união entre pessoas do mesmo sexo era tratada com naturalidade, pois, conforme Foucault (2007, p. 167), “os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamento diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto”. Baseado nisso, não existia, para a sociedade grega, a palavra homossexualidade, pois esses povos achavam completamente normal e comum o envolvimento homoerótico.

Era comum, entre os gregos, a prática do sexo tanto com homens como com mulheres, no entanto, eles não rotulavam esse ato como “bissexualidade”, já que, segundo Foucault (2007, p. 168):

(...) convém observar que eles não reconheciam nela duas espécies de ‘desejos’, ‘duas pulsações’, diferentes ou concorrentes, compartilhando o coração dos homens ou seus apetites. Podemos falar de sua ‘bissexualidade’ ao pensarmos na livre escolha que eles se davam entre os dois sexos, mas essa possibilidade não era referida por eles a uma estrutura dupla, ambivalente e ‘bissexual’ do desejo. A seus olhos, o que fazia com que se pudesse desejar um homem ou uma mulher era unicamente o apetite que a natureza tinha implantado no coração do homem (...).

Analisando a fala do autor, nota-se que os gregos não sentiam a necessidade de rotular algo que os satisfazia, pois o que realmente importava para eles não era classificar sua orientação sexual, uma vez que estavam mais preocupados em saciar suas fantasias e desejos. O prazer, nesse sentido, seja hétero ou homoerótico, seguia numa escala em que um não chegava a ser superior ou inferior ao outro.

De acordo com Foucault (2007, p. 171-172):

Os gregos não imaginavam que um homem tivesse necessidade de uma natureza ‘outra’ para amar um homem; mas eles estimavam sem hesitar que, para os prazeres obtidos numa tal relação, era necessário dar uma outra forma moral que não aquela exigida quando se tratava de amar uma mulher. Nessa espécie de relação os prazeres não traíam, naquele que os experimentava, uma natureza estranha, mas seu uso exigia uma estilística própria.

Baseado nisso, era completamente inexistente, na Antiguidade Grega, definições para conceituar o ato sexual entre seres do mesmo sexo. Além disso, eram frequentes relações íntimas que não envolviam qualquer sentimento amoroso e idealizado ou que não estavam voltadas para o matrimônio. Nesse aspecto, segundo Foucault (2007, p. 189), “essa aceitação do prazer [...] deu lugar a toda uma elaboração cultural”, pois, conforme a cultura grega, um homem casado poderia se envolver com um adolescente, sem prejudicar o seu casamento. No entanto, isso não significa dizer que os gregos apenas se importavam com a satisfação sexual, visto que um jovem do sexo masculino, ao ter relações íntimas com um parceiro mais velho, obtinha uma nova formação educacional.

Sobre a falta de rotulação das práticas sexuais na Antiguidade grega, Costa (1992, p. 44) afirma que “[...] dividir os homens em homossexuais e heterossexuais poderia parecer tão estapafúrdio quanto tentar, em nossos dias, dividi-los em castos e devassos, férteis e inférteis ou fiéis e infiéis, maritalmente falando”. Nesse sentido, levando em consideração o pensamento do autor, não há necessidade de classificar as pessoas perante sua orientação sexual, já que, na verdade, “é tão arbitrária e datada quanto qualquer outra” (COSTA, 1992, p. 44). Sendo assim, esse fator classificatório era inexistente na Grécia Antiga porque não havia dissociações entre envolvimento heterossexual e homossexual.

Na sociedade grega, também era bastante comum existirem relações íntimas entre seres do sexo masculino, que possuíam, entre si, uma grande diferença de idade, prática conhecida como pederastia. Nesse ponto, o mais jovem assumia, durante o ato sexual, um comportamento passivo, enquanto o mais velho era o homem ativo, em se tratando da penetração durante o ato. Baseado nisso, compreende-se que essa relação sexual é vista como uma hierarquia de valor, em que é exaltado apenas o sujeito ativo, pois é aquele que domina, já que este pode penetrar no seu parceiro (FOUCAULT, 2007). Já o indivíduo que assume a função passiva se encontra na mesma posição inferior da mulher, nesse âmbito social, já que se torna submisso ao seu companheiro.

Nesse sentido, é importante ressaltar que as relações pederastas entre os gregos envolviam aspectos pedagógicos e filosóficos, pois “costumava-se ligar estreitamente o amor grego pelos rapazes à prática da educação e ao ensino filosófico” (FOUCAULT, 2007, p. 174). Partindo desse pressuposto, a pedagogia do amor entre iguais estava inserida na cultura grega e visava à boa formação do

adolescente. Nesse período de transição para a adolescência, em que ele iniciaria suas primeiras relações sexuais com um adulto, era institucionalizado, a partir daí, o papel de bom cidadão para o mais jovem.

O desejo sexual entre os gregos abria espaço para relações sociais, que incluíam, principalmente, costumes e crenças destinadas à transmissão de conhecimentos. Porém, é importante ressaltar que a passividade masculina era aceita apenas se estivesse voltada para formação educacional e caso o indivíduo alcançasse a fase adulta e continuasse adotando a posição passiva durante os atos sexuais, seria inferiorizado, pois, segundo Foucault (2007), “(...) a suspeita de uma passividade, sempre mal vista, é particularmente mais grave quando se trata de adulto”. Sendo assim, o ato passivo era vergonhoso porque era visto como sinônimo de fraqueza e, por esse motivo, era mais valorizado o desempenho sexual do sujeito ativo do que o seu próprio prazer.

Nas palavras de Foucault (2007, p. 22), “o domínio dos amores masculinos pôde muito bem ser ‘livre’ na Antigüidade grega.” Nesse caso, resalta-se que o homem mais velho e que possuía um elevado status social se relacionava sexualmente com adolescentes de classe baixa, o que era aceitável porque, conforme a cultura grega, o sexo realizado entre homens também estava voltado ao desejo e ao prazer. Em relação à mulher, esta assume uma categoria inferior e submissa em relação ao prazer sexual, já que ela, ao contrário do sexo oposto, não poderia ter relações homoafetivas, além de adotar atitudes passivas nos momentos de prazer, já as relações heterossexuais, na Antigüidade Grega, eram mais voltadas principalmente para a procriação.

É importante destacar que não convém estabelecer a palavra “homossexualidade” para as práticas sexuais que ocorriam na Grécia, uma vez que, segundo Foucault (2007, p. 21), o estereótipo do homossexual é “a inversão dos papéis sexuais e a relação entre indivíduos do mesmo sexo”. Nesse sentido, essa noção sobre a homossexualidade ainda é bastante vaga, visto que “é bem pouco adequada para recobrir uma experiência, formas de valorização e um sistema de recortes tão diferentes do nosso” (FOUCAULT, 2007, p. 167). Baseado nisso, as relações sexuais praticadas entre os gregos suscitavam valores culturais, que eram associados, principalmente, à prática pederasta, que, nesse período, pertencia à tradição grega.

A questão sexual na Grécia Antiga estava apoiada em uma moral pagã, que não estabelecia regras voltadas para o desejo sexual. Nisso, a partir do século XIX, a liberdade sexual cede seu espaço para o cristianismo, que, ao impor códigos de restrições para a sexualidade, objetivava a obediência e a “pureza” do indivíduo cristão, na intenção de que ele renunciasse seu desejo, para evitar o pecado.

3.2 Repressão sexual: a imposição da doutrina cristã e do discurso médico-científico

Censurada e vigiada, a sexualidade se tornou alvo de reflexões no século XIX. A partir dessa época, a conduta sexual passou a estar rodeada de preocupações e curiosidades, e, principalmente, foi movida por restrições e repressão, centralizada em um sistema rigoroso que proibia práticas sexuais fora do âmbito matrimonial. Para uma melhor compreensão sobre a sexualidade, Foucault (2007, p. 9) propõe que

O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos (que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apóiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos.

De acordo com o exposto, a sexualidade está relacionada com um conjunto de crenças, costumes e comportamentos moldados por sistemas políticos, religiosos, educacionais, além de ter apoio moral da medicina. A partir do século XIX, predominou a ideia de que o sexo só poderia acontecer entre um homem e uma mulher, pois era visto como atividade essencialmente voltada para a procriação. O sexo antes do casamento e a virgindade englobavam um padrão de decência a ser seguido pelos indivíduos em geral, mas principalmente pelas mulheres.

Foucault (2007) destaca que o termo sexualidade surgiu no início do século XIX. Baseado nisso, a questão sexual passou a ser exaltada principalmente pela ideologia cristã, que, de maneira radical, tornou-se responsável por criticar e punir

severamente atitudes que contrariavam as restrições impostas pelo cristianismo. Nesse sentido, Durigan (1985, p. 24) ressalta que “a preocupação sempre existiu, mas o controle obsessivo do sexo tem obviamente suas raízes no século XIX”. Partindo desse pressuposto, o fator sexual apenas teve grande destaque nesse período, porém, foi tratado de forma negativa, pois as práticas sexuais que iam contra o padrão religioso foram bastante perseguidas.

Ao contrário da Grécia Antiga, que privilegiava as relações sexuais livres, o cristianismo se preocupava em julgar e punir atos considerados imorais. Nesse sentido, Foucault (2007, p. 17) afirma que:

O valor do próprio ato sexual: o cristianismo o teria associado ao mal, ao pecado, à queda, à morte, ao passo que a Antigüidade o teria dotado de significações positivas. A delimitação do parceiro legítimo: o cristianismo, diferente do que se passava nas sociedades gregas ou romanas, só o teria aceito no casamento monogâmico e, no interior dessa conjugalidade, lhe teria imposto o princípio de uma finalidade exclusivamente procriadora. A desqualificação das relações entre indivíduos do mesmo sexo: o cristianismo as teria excluído rigorosamente, ao passo que a Grécia as teria exaltado.

De acordo com a assertiva, a Antigüidade Grega atribuiu ao sexo aspectos positivos, que visavam principalmente à formação do cidadão. Já o cristianismo associou o sexo à ideia de “pecado da carne” e, por esse motivo, as relações sexuais só poderiam existir no casamento entre indivíduos de sexo oposto. Além disso, a doutrina cristã se tornou opressora no que diz respeito à liberdade e diversidade sexual, haja vista que, para Castello Branco (2004), o cristianismo estigmatizou nossa sexualidade como pecadora, porém, muitas pessoas, apesar de se sentirem reprimidas pelo discurso religioso, não estagnaram sua vivência sexual apenas em favor da Igreja, visto que não deixaram de satisfazer seus desejos e prazeres sexuais.

Para Foucault (2006), a coibição do sexo, ainda existente nas sociedades modernas, não se baseia na sua condenação, mas na sua proliferação discursiva, que ainda insiste em manter em segredo a faceta sexual. Além disso, o único ambiente adequado para a prática sexual era o quarto dos pais, visto como “utilitário e fecundo” (FOUCAULT, 2006, p. 9). Caso contrário, o sexo passava a

não ter nenhum valor simbólico (a reprodução), além de ser visto como uma atividade extremamente vergonhosa.

Foucault (2007) assevera que a grande multiplicação de discursos que envolviam a questão sexual ocorreu principalmente em consultórios médicos, na Igreja, no espaço educacional e no âmbito familiar. Todavia, esses estabelecimentos não tinham o propósito de impedir e recusar o exercício sexual, mas, sim, manter um autocontrole da sociedade, já que as regras exigidas não poderiam ser quebradas, ou seja, não houve a proibição sexual, porque, o que houve, de fato, foram as restrições que ditaram modelos de comportamento, exigindo a prática sexual apenas para a evolução das espécies. Na verdade, supõe-se que houve a negação do prazer e da liberdade sexual, mas não da atividade do sexo.

As relações sexuais dentro do campo conjugal também eram prescritas por meio de normas e conselhos que visavam ao cumprimento dos deveres matrimoniais, de modo que era exigida do casal, principalmente, a obrigação em esconder da sociedade a sua vida sexual, especialmente se ela for ativa, o que acarretava ainda mais um forte sigilo entre o marido e a esposa (FOUCAULT, 2006).

Ainda no século XIX, houve a predominância da ciência, que, assim como a ideologia cristã, adotou críticas severas à questão sexual. No entanto, o controle repressor do sexo se tornou ainda mais intransigente com o avanço científico, que procurava obter “verdades” a respeito da sexualidade. Assim, nessa linha de pensamento, Castello Branco (2004, p. 49) afirma que “a partir daí, a ciência invadiu os prazeres do indivíduo: classificou as práticas sexuais em normais e periféricas, analisou as ‘perturbações do instinto’, legitimou as formas ‘saudáveis’ de amor”. Partindo desse pressuposto, compreende-se que a intolerância científica se preocupou em rotular os prazeres sexuais em “certo e errado”, de maneira que, para a ciência, a forma correta de amar estava voltada para o casamento, como já foi referido anteriormente. Já em relação às “perturbações do instinto”, citadas por essa autora, elas dizem respeito às práticas sexuais que existem fora do matrimônio. Dessa forma, Castello Branco (2004, p. 49) postula que

Nunca se falou tanto em aberrações sexuais, em amores ‘contra a natureza’, em maníacos, pervertidos e doentes de todo tipo como na segunda metade do século XIX. Interessava à ciência da época analisar esses fenômenos marginais exatamente para mantê-los à margem, para melhor conservar a integridade e a saúde dos indivíduos ‘normais’.

Baseado nisso, ressalta-se que a censura sexual velada pela ciência, assim como o cristianismo, estabeleceu um padrão de comportamento sexual a ser seguido pela sociedade da época. Dessa forma, aqueles que transgredissem essas regras passavam a estar “contaminados” pelo pecado e pelo patológico. Nesse período, a ciência estava comprometida com a teoria evolucionista e com o Positivismo de Comte e, por esse motivo, o cientificismo se sentia na obrigação de determinar as maneiras “corretas” e “proibidas” que envolviam o ato erótico, que, antes, era evidente, mas, agora, necessitava manter-se oculto, para manter a integridade e o caráter moral da população.

De igual modo, a prática masturbatória passou a ser alvo de duras críticas, visto que, nessa época, predominava a ideia de que ela era a responsável por produzir abstinência sexual, que provocava “anomalias” que levavam o indivíduo ao homossexualismo, ao sadismo e ao masoquismo (CASTELLO BRANCO, 2004). Além disso, a masturbação foi completamente coibida, porque esse ato “desperdiçava” o sêmen, que é próprio da procriação.

Ainda em relação à masturbação, a ideologia cristã e a ciência médica procuravam advertir a sociedade de que o ato de masturbar-se era considerado uma doença perigosa, porque provocava deformações no corpo, além de levar à loucura (CASTELLO BRANCO, 2004). A esse respeito, Foucault (2007, p. 19) assevera que:

(...) – aquele onde não existe fecundidade nem parceiro; o esgotamento progressivo do organismo, a morte do indivíduo, a destruição de sua raça e, finalmente, o dano causado a toda humanidade, foram, regularmente ao longo de uma literatura loquaz, prometidos para aqueles que abusassem de seu sexo.

Partindo dessa ideia, a prática masturbatória, no século XIX, era considerada um mal para o organismo, visto que provocava uma série de doenças induzidas pelo ato de proporcionar prazer a si próprio. Nesse aspecto, a masturbação era vista pelas teorias desse período como a mais grave anomalia, pelo fato de ser

apontada como a principal responsável por provocar distúrbios que afetavam a mente e o corpo do indivíduo.

Como se vê, a masturbação, nesse período, era vista como a principal causadora de malefícios à saúde, afetando, ainda, a moral da juventude, como também seu intelecto, além de deformar as partes genitais. A esse respeito, as escolas se sentiam na responsabilidade de precaver e enfrentar essa prática no intuito de eliminar esse tipo de conduta que assolava principalmente os jovens (COSTA, 2004).

Além da masturbação, outro assunto que preocupou as doutrinas que predominaram na época em estudo foi o homossexualismo, termo que vigorou no século XIX e que surgiu para classificar indivíduos que se envolviam sexualmente com seres do mesmo sexo. A partir daí, surge uma incessante busca em rotular, inferiorizar e criticar pessoas que não se sentiam atraídas de maneira carnal pelo sexo oposto.

3.3 Sexo rotulado: a inferiorização, discriminação e rejeição de pessoas homossexuais

Ainda no século XIX, a representação do masculino era completamente restrita, pois predominava um modelo a ser seguido, que exigia um comportamento demasiadamente diferente da mulher, uma vez que, de acordo com Fry e MacRae (1991, p. 11), “cria-se, então, uma série de expectativas a respeito do comportamento, considerado apropriado aos homens e mulheres de acordo com sua posição social”. Nesse sentido, foram estabelecidos, desde a infância, padrões de conduta distintos, considerados corretos para meninos e meninas. No entanto, caso houvesse algum tipo de “desvio”, o sujeito era contido e buscava-se readquirir o comportamento apropriado perante a sociedade. O indivíduo que transgredisse essas regras era tratado como um ser que sofria de distúrbios mentais ou, mais precisamente, ele padecia da “homossexualidade”, a “doença do instinto sexual”, que predominou nesse período.

A designação de homossexualidade surgiu em 1869, com Benkert, médico húngaro que lutava a favor dos homossexuais (COSTA, 1992). Tendo como base as ideias de Fry e MacRae (1991), o conceito de homossexualidade é impreciso e indefinido, porque, apesar de procurar fazer referência às relações carnis entre

peessoas do mesmo sexo, essa definição não consegue acoplar, em um só julgamento, todas as práticas sexuais que envolvem indivíduos considerados homossexuais. Para melhor esclarecimento, Fry e MacRae (1991) tomam como exemplo o significado dessas relações na Grécia Antiga, que passaram a ter um novo sentido no século XIX, já que, nesse aspecto, o que é homossexualidade para alguns não é o mesmo para outros. Dessa forma, esses autores acreditam que não existem verdades totalizadas sobre a denominação de homossexualidade, visto que esse termo envolve ideologias diversas que estão vinculadas de acordo com o período histórico de cada sociedade.

No Brasil colônia, as relações sexuais anais, conhecidas como sodomia, passaram a serem vistas de maneira escandalosa e pejorativa, o que acarretava punições severas, já que eram consideradas um crime. O sodomita, ao ser castigado, tornava-se uma amostra de infração e penalidade, todavia, essa represália não ditava medidas de prevenção contra a “conduta da homossexualidade” (COSTA, 2004).

Durante a era colonial, era totalmente proibida a prática sexual entre indivíduos do mesmo sexo, já que era vista como um pecado que atentava aos mandamentos de Deus, sendo até mesmo abominável pelo Diabo e que poderia acarretar a morte do ser humano. No século XIX, essas ações consideradas coibidas e perigosas passaram a dominar o campo de investigação da medicina e da psicologia, que procuraram modificar esse pensamento, defendendo a ideia de que a homossexualidade não era um crime que exigisse castigo, mas uma doença, que necessitava ser curada (FRY; MACRAE, 1991).

Como pregou Costa (2004), a homossexualidade masculina foi mais perseguida do que a feminina pelo fato de que as relações sexuais entre mulheres ou eram menos perceptíveis ou passavam de maneira despercebida pela sociedade. O homem homossexual foi abominado nesse período “(...) porque sua existência negava diretamente a função paterna (...)” (COSTA, 2004, p. 247). Dessa forma, Costa (2004) explica que o machismo decorre do papel masculino, que exige uma postura de “macho” diante do âmbito social e familiar, o que exclui a aceitação da homossexualidade, já que não corresponde a esse padrão.

No entanto, a medicina não se deu por satisfeita somente em afirmar que a homossexualidade era uma irregularidade do organismo, já que as linhagens das glândulas de secreção interna dessa “patologia” poderiam ocasionar outras

enfermidades. Dessa maneira, passa a existir o “homossexual”, um ser esquizofrênico e paranoico (FRY; MACRAE, 1991).

Costa (1992) explica que os médicos, juntamente com psiquiatras e sexólogos se preocuparam em reconhecer quais indivíduos, em meio aos homossexuais, eram denominados de “verdadeiro homossexual”, ou seja, aquele que era adepto à “prática do homossexualismo”, vistos como sujeitos desmoralizados e vergonhosos. No entanto, até mesmo aqueles que não eram tachados de “verdadeiro homossexual” eram desprezados pelo fato de terem como desejo a libertinagem sexual. Baseado nisso, a medicina adentrou no campo da homossexualidade associando-o à loucura (FRY, 1981), ou seja, aquele que passa a ser nomeado de “homossexual” é visto como sinônimo de doente e anormal.

Outro aspecto interessante é que, além da nomenclatura “homossexual”, estipulado pelo sistema rigoroso da época, o sujeito assim denominado também era classificado em duas opções: o “passivo” e o “ativo”. Essa divisão provocou outro sentido em relação à conduta sexual do indivíduo, o qual era associado à ideologia de “masculino” e “feminino” (MARSHALL, 1981 apud FRY, 1981). Nesse sentido, Fry e MacRae (1991, p. 63, grifos no original) ressaltam que “naquele sistema, o ‘ativo’ na relação homem/homem permanece no *status* de homem enquanto o ‘passivo’ fatalmente é rebaixado para o *status* de ‘bicha’”. No entanto, independente da postura ativa ou passiva da pessoa durante as relações íntimas, ainda predominava o rótulo de “homossexual”, que inferiorizava completamente esse tipo de envolvimento entre tipos humanos. Baseado nisso, para um melhor entendimento, Fry e MacRae (1991, p. 64) argumentam que “o homem do Brasil popular que ‘come’ a ‘bicha’ é, neste sistema, um ‘homossexual’”. Isso significa que, conforme esse princípio, tanto o “ativo” quanto o “passivo” são vistos pelos preceitos desse período como um ser que “pratica” e que “padece” da “homossexualidade”.

O curioso é que essas classificações em “ativo” e “passivo” já existiam desde a Antiguidade Grega, no entanto, apenas o indivíduo que adotava um comportamento passivo durante o ato sexual era humilhado, ao passo que o “ativo” da relação era visto pela sociedade como um ser superior, visto que a virilidade masculina estava prescrita no autodomínio sexual. Porém, este acontecimento não se refletiu durante o século XIX.

Nesse período, surgiram diversas teorias que, ao se proporem em investigar a “causa da homossexualidade”, trouxeram ideologias que buscavam a “cura” como também a punição de sujeitos “homossexuais”. Nessa direção, segundo Fry e MacRae (1991, p. 71)

Até há alguns anos atrás, era considerada válida a realização de uma operação cirúrgica que consistia na retirada de uma parte dos lóbulos frontais do cérebro, relacionados com a produção de fantasias e do prazer sexual. Apesar desse processo ter caído em desuso, ultimamente o periódico *Medical World New*, de 25 de setembro de 1970, anunciou uma técnica de queimar, através de choques elétricos, uma pequena seção do hipotálamo.

Conforme se vê em Fry e MacRae (1991), o indivíduo rotulado como “homossexual”, por não ser aceito pela sociedade, também sofreu torturas físicas que tinham o intuito de abolir completamente o seu deleite sexual, justamente por causa do sistema da época, que ansiava em “curar” a “epidemia da homossexualidade”. Muitas vezes, em busca de um possível “tratamento” para os “homossexuais”, era bastante frequente, principalmente nos Estados Unidos, a internação hospitalar, como também a prisão de sujeitos “invertidos”, de modo que, na maioria das vezes, eram realizadas castrações para evitar a sua libido sexual (FRY; MACRAE, 1991).

Nesse sentido, foram associadas aos “homossexuais” expressões pejorativas como os termos “bicha” e “viado” (FRY; MACRAE, 1991), que estão anexadas a um discurso de profundo sarcasmo e hostilidade por parte de quem o utiliza. Além disso, para Costa (1992), até o próprio vocabulário do “homossexual” é vítima de aspectos discriminatórios, visto que é envolvido de um teor que soa de maneira grotesca, no qual, inúmeras vezes, é denominado de “aviadado” por aquele que ouve. Por esse ponto de vista, ressalta-se que os “homossexuais” estavam completamente envolvidos por uma sociedade que repudiava ao extremo esse tipo de “conduta” e, por esse motivo, muitas pessoas preferiam não confessar o seu amor carnal a outra do mesmo sexo, pois tinham plena consciência que isso acarretaria sérias consequências, resultando na sua não-aceitação no âmbito social.

Imerso na obscuridade, o “homossexual”, além de não conseguir conquistar seu espaço no século XIX, torna-se alvo de ofensas e ataques, conforme apontado por Fry (1981, p. 108) ao afirmar que “ele é descrito com toda a precisão como

mediocre, sádico, paranóico, esquizóide (...). Partindo desse pressuposto, destaca-se que os indivíduos tratados como “degenerados”, enfatizam a ideia da heteronormatividade, ou seja, o comportamento “correto” por vias de regras da época (THOMÉ, 2009).

Sobre a representação do indivíduo “homossexual” na literatura, Foucault (2007, p. 21) argumenta que

Nos textos do Século XIX existe um perfil-tipo do homossexual ou do invertido: seus gestos, sua postura, a maneira pela qual ele se enfeita, seu coquetismo, como também a forma e as expressões de seu rosto, sua anatomia, a morfologia feminina de todo o seu corpo fazem, regularmente, parte dessa descrição desqualificadora; a qual se refere, ao mesmo tempo, ao tema de uma inversão dos papéis sexuais e ao princípio de um estigma natural dessa ofensa à natureza; seria de acreditar-se, diziam que ‘a própria natureza se fez cúmplice da mentira sexual’.

Analisando a afirmação de Foucault (2007), a imagem reproduzida do “homossexual” nos textos desse período transmite a ideia de um “sujeito efeminado” portador de patologias, já que suas características são transpassadas de maneira biológica ou social. Nesse sentido, Thomé (2009) ressalta que, na divisão sexual, enquanto o masculino toma a primeira posição, o “homossexual” ocupa a margem inferior, abaixo da mulher, pois “ele não atende sequer a função básica da reprodução” (THOMÉ, 2009, p. 22).

Além disso, era comum que a contaminação de certas doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS, fossem associadas ao fato de ser homossexual. A esse respeito, segundo Costa (1992, p. 127), “no início dos anos 80, a AIDS veio a público como ‘doença de homossexuais’” e muitos acreditaram que se tratava de uma doença que acometia apenas os “homossexuais masculinos”. Para Weeks (2000), a AIDS era vista como uma consequência do exagero sexual, de alguma forma, acreditava-se que “(...) era a vingança da natureza contra aqueles que transgrediam seus limites” (WEEKS, 2000, p. 24). Dessa forma, o vírus HIV passava a ser um castigo para qualquer comportamento tido como “desviante”.

Ainda consoante Weeks (2000), a AIDS passa a ser tratada como uma temível intimidação no que diz respeito ao período sexual. Tendo como base as ideias de Costa (1992), a propagação da AIDS, nesse período, ligada à falsa ideologia de que se tratava de uma “doença gay”, acarretou a renúncia de práticas

homoeróticas ocultas, visto que tinham medo e até mesmo vergonha de contrair esse vírus, porque significava o desvelamento de sua “identidade homossexual” (COSTA, 1992). Por esse motivo, chegava-se a afirmar que era preferível um suicídio a enfrentar essa situação. A partir daí, o desejo homoerótico tentava ser satisfeito por meio da masturbação; ou era suprimido por atividades que envolviam o trabalho, entretenimento e outras ocupações.

Costa (1992) assevera que a ligação da AIDS com o homoerotismo, presente na mentalidade social e individual, ocorre pelo fato da falta de prevenção durante as relações sexuais por grande parte de indivíduos que se relacionam sexualmente com o mesmo sexo. Todavia, é necessário esclarecer que a AIDS pode afetar qualquer pessoa que se envolva ou não com o sexo oposto, pois segundo Weeks (2000, p. 25) ela “(...) afeta heterossexuais e homossexuais, mulheres e homens, jovens e velhos”. Na verdade, o discurso sexual do século XIX estava repleto de preconceito e discriminação que, mais uma vez, tenta induzir o “homossexual” à marginalidade social.

Para Fry e MacRae (1991), é necessário extrair a homossexualidade da área médica e psicológica para, enfim, colocá-la no círculo cultural e político, com o propósito de ser estudada de maneira extensa. De acordo com esses autores, os indivíduos tidos como “homossexuais” não padecem de nenhuma “condição”, mas são induzidos à força pela sociedade a representar papéis intransigentes aplicados para o sexo masculino e feminino. Além disso, atualmente, grande parte da sociedade não acredita mais na ideia que as distinções de comportamento para homens e mulheres podem ser explicados biologicamente, já que se percebe que a divisão da função sexual é manipulada pela sociedade, pois, de acordo com Fry e MacRae (1991, p. 14) “(...) estas teorias dizem muito mais sobre pessoas que as articulam, dos contextos sociais e culturais onde são produzidas do que sobre a ‘homossexualidade’ em si”. Por esse ponto de vista, ressalta-se que, no intuito de buscar a “cura” e o “porquê” da homossexualidade, foi atribuída mais ênfase às culturas sociais.

Apoiada nas ideias de Thomé (2009, p. 24), compreende-se que o homoerotismo não é uma escolha, já que compõe sua “identidade emocional e sexual”. Justamente por isso, a Igreja deu uma maior maleabilidade à questão, mesmo mantendo os seus mandamentos, alegando que, apesar de a “homossexualidade” acontecer naturalmente, ela ainda pode ser algo não natural,

já que não é voltada para a procriação. Todavia, em 1975, foi lançado um documento denominado “Declaração sobre certas questões relativas à ética sexual”, que veio a público, reconhecendo que, para alguns indivíduos, a homossexualidade é inata ao ser humano, porém, a “prática do homossexualismo” é uma perturbação do organismo, portanto, em nenhum momento, ela pode ser aprovada (THOMÉ, 2009).

Após onze anos, a temática sobre a “homossexualidade” é retomada pelo cardeal Joseph Ratzinger (Papa Emérito Bento XVI), que juntamente com a Igreja, anuncia que o “homossexualismo” não é um pecado, no entanto, ainda é fortalecida a ideologia de que qualquer “ato homossexual” deve ser condenado (THOMÉ, 2009). Baseado nisso, nota-se que, apesar de um pequeno avanço, o homoerotismo ainda foi visto como uma prática proibicionista que não atendia às leis da evolução humana.

Thomé (2009, p. 27) argumenta que, recentemente, surgiram os liberacionistas, iniciados por Foucault, no qual afirmava que “(...) não existem heterossexuais, homossexuais, ou bissexuais. O que existe são pessoas, com suas diferenças e seus desejos que o Poder, através de seus discursos, tenta manipular”. Nesse aspecto, entende-se que essa classificação entre as pessoas serve apenas para estabelecer o “certo” e o “errado” difundido por doutrinas religiosas e científicas. De fato, o pensamento liberacionista foi provocador, visto que desafiou as ideologias que tentavam censurar a prática homoerótica. Baseado nisso, Thomé (2009, p.31) ressalta que:

(...) a orientação sexual de um sujeito não é algo que se possa aferir com a mesma facilidade, infalibilidade e imediatismo que as categorias de gênero ou de raça. Ela não é visível, e, mesmo quando nos parece evidente, vai depender sempre da confirmação do próprio sujeito em questão.

Conforme a assertiva, destaca-se que não é ético classificar determinada pessoa de “homossexual”, já que, para Thomé (2009), só se pode rotular alguém apenas se ela se definir dessa forma, caso contrário, não é correto etiquetar sexualmente um indivíduo apenas lhe observando.

No Brasil, devido à liberdade política durante os anos 70, os “homossexuais” passaram a lutar contra o preconceito, sem abrir mão de reivindicar seus direitos. Recentemente, em 1985, o Conselho Federal de Medicina retira a

“homossexualidade” do campo de doenças. Além disso, no ano de 1999, são constituídas regras pelo Conselho Federal de Psicologia, que proíbem completamente a busca da “cura” dos “homossexuais” (LOPES, 2002).

É necessário destacar que o homoerotismo, apesar de sofrer tanta repressão, seja do cristianismo, no qual era visto como um pecado; seja da ciência, que associou a esse “comportamento” o sinônimo de patologia; ou até mesmo pelo Estado, que tratou a “homossexualidade” como um crime (LOPES, 2002), os indivíduos homoeróticos conseguiram, aos poucos, reivindicar seus direitos, já que a “(...) voz esquecida” (LOPES, 2002, p. 21) passou a ser ouvida e parcialmente compreendida por boa parte da população. No entanto, infelizmente, ainda hoje, existem pensamentos semelhantes àqueles que perduraram durante todo o século XIX, que viam o homoerotismo como uma doença congênita e até mesmo como uma perversão.

De fato, é inegável que, na temática que envolve as relações carnis entre pessoas do mesmo sexo, sempre haverá opiniões controversas, que discordam entre si. No entanto, o mais importante é saber respeitar essas diferenças, haja vista que rótulos não possuem finalidade alguma, já que, independente de sermos heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, somos, acima de tudo, seres humanos, que precisamos do nosso espaço na sociedade, necessitamos de respeito, carecemos também de amor, carinho e afeto, seja com o sexo oposto ou não. Dessa maneira, tendo como base as ideias de Fry e MacRae (1991), para que possamos compreender a realidade sexual, é preciso de que tenhamos a consciência de que o sistema classificatório é uma invenção da mentalidade do homem, que auxilia a separar o “certo” e o “errado”. Por esse motivo, é importante esclarecer que o desejo sexual tanto hétero quanto homoerótico possui a mesma significação, no qual nenhum se sobressai mais que o outro. Portanto, o homoerotismo não é uma opção, já que ninguém escolhe ser humilhado e discriminado, mas deve ser enxergado como uma construção social que se edifica por meio de aspectos históricos e culturais (FRY, MACRAE, 1991).

4 EROTISMO E PORNOGRAFIA: O PRAZER E O DESEJO SEXUAL EM QUESTÃO

Inicialmente, se faz necessário esclarecer a diferença entre erotismo e pornografia, visto que, apesar de ambos estarem relacionados ao apetite sexual, possuem características distintas. Enquanto um faz menção à voluptuosidade sexual (erotismo), o outro procura estimular e satisfazer esse desejo (pornografia). No entanto, neste trabalho, esta abordagem será realizada de maneira breve, no intuito de compreender, em linhas gerais, as particularidades do ato erótico e pornográfico, na intenção de explicar em qual âmbito está situado o romance *Bom-Crioulo*.

Uma das possíveis origens do erotismo é baseada em um conto mitológico, contado por Apuleio, do cupido Eros, o deus do amor, filho de Vênus e de Zeus. Segundo a mitologia grega, a deusa Vênus, insatisfeita com a exaltação dos homens por uma jovem de admirável beleza, chamada Psiquê, decide pedir a Eros que castigue a moça, fazendo com que ela se apaixone por um sujeito de aparência aterrorizante. No entanto, Eros, vislumbrado pela exuberância da moça, acaba acertando, acidentalmente, sua flecha em si mesmo. A partir daí, nasce um sentimento amoroso intenso e recíproco entre ambos (PAZ, 2001).

Eros e Psiquê se casam (PAZ, 2001), porém, se veem apenas à noite e ela não tem permissão para ver a face do seu marido. Certa vez, movida por curiosidade, Psiquê resolve desobedecê-lo e, com auxílio de uma lamparina, a jovem descobre a verdadeira face do esposo e fica radiante. Todavia, ao se aproximar do seu marido, a lamparina acaba por machucar o rosto dele. Eros acorda e se depara com a traição da sua mulher. Revoltado, ele vai embora, em busca de Vênus.

Para tentar reconquistar o amor de Eros, Vênus propôs à jovem várias provas difíceis de serem cumpridas. Após obter êxito em todos os testes, Psiquê é submetida à última tarefa e, justamente "(...) por ser escrava e não dona do seu desejo" (PAZ, 2001, p. 32), esse teste poderá acarretar sua morte, já que ela transgrediu as regras impostas por seu marido. Psiquê precisa descer até ao castelo subterrâneo, conhecido como reino dos mortos, para buscar uma caixa que contém a formosura da deusa Prosérpina. Porém, ao abrir o objeto, ela entra em uma sonolência profunda. Eros, finalmente, decide ir até Psiquê, perdendo-a.

Na verdade, é importante frisar que o conto mitológico de Eros aborda aspectos importantes: “a transgressão, o castigo e a redenção são elementos constitutivos da concepção ocidental do amor” (PAZ, 2001, p. 32). Nesse sentido, Psiquê é vista como “a personificação da alma” (PAZ, 2001, p. 31), representando a limpeza interior do ser humano; enquanto Eros, o símbolo do amor, é visto como aquele que perdoa.

Baseado nisso, de acordo com Bataille (2013, p. 16), “o erotismo é a dança propriamente humana, que se dá entre dois polos: o do interdito e o da transgressão”. Nesse sentido, compreende-se que o fator sexual que inclui o ato erótico ainda é um tabu na sociedade, no entanto, de acordo com Bataille (2013), as regras impostas no espaço social são quebradas, visto que não se pode negar e esconder o ímpeto sexual.

Para Paz (2001), o erotismo é uma metáfora da sexualidade, mas salienta que, enquanto a sexualidade é animalesca, o ato erótico está associado ao instinto humano, representando o impulso sexual. A sexualidade é animal porque provém da incapacidade de pensar, com a única importância de procurar satisfazer completamente a libido sexual; já o erotismo, conforme ressalta Paz (2001), faz parte da imaginação humana. Nesse aspecto, é importante destacar que o erotismo não significa a consumação de um ato sexual, pois Castello Branco (2004) assegura que ele sabe esconder e vestir a sexualidade, dessa forma, o erótico pode se manifestar implicitamente, sem ser grosseiro ou vulgar. Além disso, tendo como base as ideias de Paz (2001), o erotismo, proveniente do deus Eros, não pode ser visto, e sim sentido, ou seja, a lascívia sexual está inserida na mentalidade humana.

Vale destacar que o erotismo masculino é totalmente distinto do feminino. O homem se sente atraído sexualmente pela aparência física, exaltando a beleza da mulher, com suas escolhas feitas de acordo com discernimentos voltados para o erótico (ALBERONI, 1993). Contrariamente, o erotismo feminino situa-se pelo sucesso profissional do seu parceiro, ou seja, o homem procura se relacionar sexualmente com uma companheira bela e sexy, ao passo que a mulher vai em busca de um homem que desperte o desejo em outras mulheres, além de ser reverenciado no âmbito social.

Sendo o erotismo um fenômeno voltado para a sensualidade, ele não possui fins reprodutivos, pois, ao contrário do ato sexual, o erótico não corresponde

exatamente à saciação completa do prazer, mas sim em impulsionar o desejo sexual, ou seja, a prática erótica obedece à visão do corpo velado ou não, o qual, por meio do imaginário, busca-se alcançar sensações de volúpia (PAZ, 2001).

Ao contrário do erotismo, a pornografia utiliza uma evidência sexual totalmente explícita e, por esse motivo, Durigan (1985, p.38) assevera que:

O pornográfico procura introduzir o leitor no seu universo textual, para fazê-lo participar, em busca do prazer, como um dos atores do espetáculo –, o texto erótico afasta o leitor e mediatiza uma relação em que ele capta, através da representação textual, um saber sobre o prazer, o prazer de saber.

Baseado nisso, ressalta-se que a pornografia tem o propósito de desvelar por completo o ato sexual por meio de cenas que mostram minuciosamente cada detalhe, levando seu público a desfrutar juntamente com ele o desfrute do sexo. Os personagens que fazem parte do meio pornográfico exibem seus corpos nus, dando-se ênfase às partes íntimas.

Sobre a pornografia, Alberoni (1993, p. 12) afirma que “(...) é uma figura do imaginário masculino”. Partindo desse pressuposto, destaca-se que os produtos pornográficos fazem mais sucesso com esse público do que com as mulheres, já que elas dificilmente se excitam visualmente (ALBERONI, 1993). Outro ponto interessante é que na pornografia, voltada para o masculino, o perfil feminino é idealizado de maneira altamente sensual, já que, de acordo com Alberoni (1993, 13) “a pornografia imagina as mulheres dotadas dos mesmos impulsos masculinos (...)”. Partindo dessa ideia, no espaço pornográfico, a mulher é retratada com base em sua devassidão sexual advinda do homem, por isso, o prazer sexual feminino é visto de maneira insaciável.

Com base no que foi mencionado, o erotismo representa uma carga dotada de volúpia sexual associada ao imaginário do ser humano, que não fere “os bons costumes” do espaço social. Todavia, a pornografia tende a contrariar a moral da sociedade, visto que abusa de imagens com atos sexuais explícitos que, na maioria das vezes, são bastante apelativas; porém, ainda dessa forma, consegue conquistar um bom público. Nesse sentido, compreende-se que o romance a ser analisado não provém da pornografia, porque não possui a finalidade de expor e proporcionar prazer, mas retratar uma relação homoerótica com base na idealização humana, auxiliada pela narrativa. Para uma melhor compreensão a

respeito desse assunto, Bulhões (2003, p. 23) afirma que “(...) os próprios romances naturalistas apresentariam ‘leituras’ da vivência erótica, uma vez que se empenhariam em captá-la e representá-la (...)”. Perante o que foi dito, compreende-se que as obras pertencentes ao Naturalismo se definem por utilizar, no espaço narrativo, temáticas eróticas que evidenciam uma sensualidade explícita, conforme apresenta-se no capítulo seguinte.

5 **BOM-CRIOULO: A NARRATIVA TRANSBORDADA DE DESEJO HOMOERÓTICO MASCULINO**

5.1 Romance *bom-crioulo*: a ousadia do “livro maldito”

Tenso e polêmico, Adolfo Caminha, escritor que pertence à estética do Naturalismo, adotou, em seus romances, um estilo próprio, que seguia, fielmente, aos princípios naturalistas, e utilizava, em suas obras, um enredo aparentemente simples, porém, impressionante e constrangedor para a sociedade do século XIX. Com base nisso, Bosi (2006, p. 205, grifos no original) assevera que “do Naturalismo tomou **Adolfo Caminha** a crença na fatalidade do meio e o gosto dos temas escabrosos”. De acordo com essas ideias, o romance *Bom-Crioulo* tocou em um assunto, que até então estava silenciado nas tramas literárias desse período, já que assegurava em sua narrativa a transgressão incumbida pela homossexualidade.

Bom-Crioulo teve sua primeira edição publicada em 1895. Apesar de não ser considerada, por vários críticos, uma das grandes obras de destaque do Naturalismo, ele é consagrado o primeiro romance brasileiro de literatura gay. Thomé (2009, p. 79, grifos no original) constata que “na verdade, não seria nenhum exagero afirmar que *Bom-crioulo* representa um marco na história da literatura *gay* universal.” Ao contrário de outras obras naturalistas, o homoerotismo masculino é a temática que norteia esse romance.

Contudo, a recepção crítica do romance *Bom-Crioulo* levou Caminha a sofrer duras condenações por renomados teóricos, principalmente por parte do crítico literário José Veríssimo, já que “não parece ter tomado conhecimento de sua existência” (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 169). Nesse aspecto, ressalta-se que Veríssimo abominou por completo esse romance, pois acreditava que o assunto abordado nessa obra era inapropriado para a época. Além disso, Thomé (2009, p. 79) argumenta que *Bom-Crioulo* trouxe, em sua narrativa, características que fizeram dele “um livro maldito” e, por esse motivo, foi excluído dos ambientes escolares, assim como de bibliotecas públicas, provocando, por completo, o desprezo social em relação a essa obra.

Na verdade, toda essa repressão deu-se pelo fato de Caminha ter colocado em registro o prazer sexual homoerótico, na obra em estudo, já que, conforme

Azevedo (1999, p. 112 apud THOMÉ, 2009, p. 80), “foram as cenas de homossexualismo (...) que causaram a indignação de críticos não só contemporâneos do romancista, como até de nossos dias”. Nesse sentido, destaca-se que, apesar do repúdio provocado pelo romance, *Bom-Crioulo* dramatiza uma ficção altamente composta de verossimilhança e expõe, com coragem e audácia, uma temática impetuosa para seu tempo. Dessa forma, apesar de ter sido publicada no século XIX, essa obra é dotada de originalidade (MOISÉS, 1985) e se identifica, também, com a sociedade atual.

Ribeiro (1957, p. 71-72, apud THOMÉ, 2009, p. 80) relata que “não pudera sair outro livro, honestamente, diante da escola adotada (...)”. Conforme essa ideia, enfatiza-se que *Bom-Crioulo* conjugou, em seu enredo, aspectos completamente fiéis à estética naturalista. Por esse motivo, privilegiou um assunto inovador e, ao mesmo tempo, reprimido pelo âmbito social, mesmo sem ter sido considerada uma obra cruel por Caminha, mas pela sua própria temática (RIBEIRO, 1957 apud THOMÉ, 2009).

Nesse sentido, Thomé (2009) indaga o porquê de uma obra publicada há mais de um século ainda causar tamanha rejeição pela maioria dos críticos. Para tentar responder a esse questionamento, ele levanta a hipótese fornecida pela professora Letícia Malard, em 1997, publicada no prefácio da Artium Editora, no qual afirma que uma possível explicação poderia estar relacionada com a psicologia e com a psicanálise, já que a sociedade machista não estava acostumada com uma temática tão “violenta”. Baseado nisso, Thomé (2009, p. 81) assegura que “(...) só mesmo razões de ordem extraliterária poderiam explicar essa ‘conspiração do silêncio’ que se armou – e que, de certa forma, ainda se arma – em torno da obra”. Nesse aspecto, compreende-se que *Bom-Crioulo* foi coibido porque poderia “ferir” os bons costumes sociais vigentes à época.

Para Miguel-Pereira (1973, p. 173, grifos no original), “(...) esse livro, ousado na concepção e na execução, forte e dramático, humano e verdadeiro, é, a despeito dos senões apontados, com *O Cortiço*, o ponto alto do naturalismo”. Nesse aspecto, o romance *Bom-Crioulo*, de acordo com a visão da autora citada, aborda questões que fizeram dele um dos romances de grande destaque do Naturalismo. Entretanto, Moisés (1985, p. 68) afirma que:

(...) embora não se possa concordar com a opinião de que é ‘o ponto alto do Naturalismo’, é inegável que se enfileira entre as obras mais densas e fortes de todo o movimento, suficiente para tornar o romancista ‘uma das primeiras figuras de seu tempo, sofrendo sem desvantagem o confronto com Aluísio Azevedo, para só falar do chefe do movimento naturalista entre nós.

Dessa maneira, Moisés (1985), apesar de não considerar o romance *Bom-Crioulo* o ápice do Naturalismo, assegura que essa obra está entre os romances mais intensos do movimento naturalista, já que não se limita apenas em retratar o verossímil, mas, também, em desvendar acontecimentos que, antes, eram ocultados por outras estéticas literárias. Nesse aspecto, Caminha não se iguala a Aluísio Azevedo, mas também não fica em posição inferior.

Bom-Crioulo é um marco na nossa literatura, porque reproduz, em sua narrativa, um tema ousado, que se estrutura com personagens polêmicos, pois, segundo Bezerra (2009, p. 16, grifos no original):

O realismo e o naturalismo trouxeram para o centro da cena literária brasileira temas e representações de sujeitos ainda não vistos, como o negro, o pobre, o escravo, o homossexual, todos esses presentes na obra de Adolfo Caminha, especialmente em seu *Bom-Crioulo*.

Neste ponto, de acordo com o exposto, a obra citada tem forte influência no espaço literário, justamente pelo fato de expor personagens com comportamentos totalmente distintos daqueles que compunham outras obras. Nesse sentido, o romance *Bom-Crioulo* teve grande destaque porque trouxe, pela primeira vez ao romance, um protagonista negro, pobre e homossexual, que se deixa controlar por seus instintos e por seu impulso sexual.

O romance em análise tem como temática “a inversão sexual entre marinheiros” (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 173). Nesse aspecto, *Bom-Crioulo* é marcado pelo envolvimento homoerótico entre dois tripulantes, que passam a vivenciar, de maneira constrangedora, uma relação proibida e trágica.

5.2 A representação do homoerotismo em *bom-crioulo*

A princípio, é importante enfatizar que *Bom-Crioulo* pode-nos proporcionar várias interpretações por parte do leitor e da crítica. Nessa visão, Barthes (2007, p. 8) afirma que “a função da crítica não é pois descobrir e explicar o sentido de uma

obra literária, mas descrever o funcionamento do sistema de significação”. Em virtude disso, é necessário esclarecer que um texto literário possibilita vários significados diferentes, pois a sua linguagem assume um alto poder discursivo. Dessa forma, a ambiguidade é uma das principais características de obras literárias, já que se definem como arbitrárias e polissêmicas. Nesse aspecto, destaca-se que esse estudo não tem como propósito atribuir ao romance uma única interpretação, mas fornecer uma possível explicação acerca da condenação da prática homoerótica em *Bom-Crioulo*, pois “o que faz a boa crítica não é sua veracidade, mas sua validade (...)” (BARTHES, 2007, p. 9).

O enredo de *Bom-Crioulo* é descrito por um narrador que auxilia o leitor a ter uma visão ampla do espaço onde estão inseridos, principalmente, os protagonistas, já que, segundo Candido (2009, p. 32), “a nossa visão da realidade em geral, e em particular dos seres humanos individuais, é extremamente fragmentária e limitada”. A partir daí, percebe-se a importância do narrador, uma vez que, dentro do romance, ele é o único capaz de nos fornecer uma visão mais privilegiada dos acontecimentos textuais e dos personagens.

O romance relata a paixão carnal e obsessiva de Amaro por Aleixo. O primeiro, o “bom-crioulo”, de aproximadamente 30 anos, é um escravo fugido, que encontra seu refúgio na Marinha, é descrito pelo narrador como:

(...) um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração decadente e enervada, e cuja presença ali, naquela ocasião, despertava grande interesse e viva curiosidade: era o Amaro, gajeiro da proa – o Bom-Crioulo na gíria de bordo (CAMINHA, 2013, p. 22).

De acordo com o fragmento acima, observa-se que Amaro, o protagonista do romance, possui um padrão físico masculino, pois seus músculos nos repassam a ideia de força bruta, que lhe ajudavam a suportar a rígida disciplina militar. Além disso, a descrição aplicada a ele faz referência a um indivíduo viril, com características essencialmente voltadas ao “homem macho”. Já Aleixo, um grumete de 15 anos de idade, é visto com aspectos associados à figura feminina, conforme o excerto abaixo:

Nunca vira formas de homem tão bem torneadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher!... Que beleza de pescoço, que delícia de ombros, que desespero!...(CAMINHA, 2013, p. 62, grifos nossos).

O trecho acima compartilha a ideia de que Aleixo remete à fragilidade e à sensibilidade, além de possuir curvas femininas tal qual uma mulher. De fato, percebe-se certa contradição nas descrições a respeito de Amaro e Aleixo, já que, apesar de ambos pertencerem ao sexo masculino, esses personagens são descritos de forma ambígua, pois, segundo Thomé (2009, p. 81) “o narrador coloca os dois protagonistas em clara oposição: de um lado Amaro, [...] protótipo do macho em estado bruto, animalesco; de outro, Aleixo, retratado quase como mulher”. Nesse aspecto, destaca-se que o envolvimento sexual entre eles, embora seja uma relação tida como “homossexual”, na verdade, é narrada como uma relação entre pessoas de sexo oposto, na qual um exerce sua função masculina (Amaro) e ao outro são atribuídas condições femininas (Aleixo).

O negro Amaro era respeitado por todos os companheiros de bordo, porquanto conseguia fazer, com afinco, todas as atividades que lhe eram propostas. Além do mais, graças ao seu grande desempenho nos afazeres, passou a ser chamado de “Bom-Crioulo”. Todavia, Amaro muda completamente seu comportamento quando Aleixo, um belo rapaz, entra em sua vida.

No primeiro surgimento de Amaro na trama, ele aparece sendo castigado, severamente, por causa de Aleixo, um bonito jovem com “(...) um arzinho ingênuo, de menino obediente (...)” (CAMINHA, 2013, p. 23). Na realidade, o jovem grumete conseguiu conquistar, logo de início, a afabilidade do negro Amaro e, por essa razão, o protagonista não admitia, em hipótese alguma, que alguém atormentasse seu mais novo “amigo”, conforme se vê abaixo:

O motivo, porém, de sua prisão agora, no alto-mar, a bordo da corveta, era outro, muito outro: Bom-Crioulo esmurrara impiedosamente um segunda-classe, porque este ousara ‘sem o seu consentimento’, maltratar o grumete, Aleixo, um belo marinho de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se ‘coisas’. (CAMINHA, 2013, p.23, grifos nossos)

Com base no trecho acima, um aspecto de grande relevância é o fato de o narrador usar a expressão “diziam-se coisas”, o que leva a compreender que, embora se mantenha distante dos fatos relatados, ele transmite a ideia de desaprovação do comportamento de Aleixo, já que seu discurso soa de forma depreciativa, revelando, logo de início, a não-aceitação da prática homoerótica. Outro ponto interessante é que, a todo o momento, Aleixo é descrito com palavras no diminutivo, como “marinheirito”, “grumetezinho”, “rapazinho”, fazendo menção a um sujeito tido como delicado, já que, para Thomé (2009, p. 81), “Aleixo é tratado como a uma mocinha (...)”.

Inicialmente, Aleixo não se deu conta ainda da paixão de Amaro e, ingenuamente, acreditava que ele almejava sua amizade sem nada em troca. Contudo, Bom-Crioulo sentia um forte desejo por Aleixo, que ansiava possuí-lo desesperadamente, já que não era apto a esconder essa aspiração sexual. Ao longo da narrativa, os dois personagens vão possuindo um vínculo “amoroso”, como se vê abaixo:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete duas vezes ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho (CAMINHA, 2013, p. 32-33, grifos nossos).

O mais interessante no fragmento acima é que ele apresenta o envolvimento entre Bom-Crioulo e o grumete de maneira animal (zoomorfismo). Deste modo, tem-se um relacionamento visto como uma pulsação sexual ligada ao desejo fisiológico. Além do mais, esse trecho faz alusão ao vínculo de prazer e poder, mencionado por Foucault (2006, p. 56), ao afirmar que “prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; seguem-se; entrelaçam-se e se relançam.” Nesse aspecto, ressalta-se que há um forte vínculo que une Aleixo a Amaro, ligação que é motivada pela atração carnal e causada pelo medo, pois Aleixo se sente preso ao Bom-Crioulo. Com base nessas ideias, a relação entre eles provoca a subordinação do grumete, visto que este é totalmente dependente

do negro Amaro, uma vez que Aleixo é um indivíduo frágil, que não possui autonomia própria durante o romance.

A amizade íntima entre Amaro e Aleixo já passava ser alvo de comentários pelos colegas de bordo, que chegavam até mesmo a comentar, com certo sarcasmo, o envolvimento entre esses marinheiros. Além disso, até o comandante já tinha tomado conhecimento da situação imoral protagonizada por Amaro, relatada a seguir:

O próprio comandante já sabia daquela amizade escandalosa com o pequeno. Fingia-se indiferente, como se nada soubesse, mas conhecia-lhe no olhar certa prevenção de quem deseja surpreender em flagrante...

Os oficiais comentavam baixinho o fato e muita vez riam maliciosamente na praça de armas entre copos e limonada. (CAMINHA, 2013, p. 32, grifos nossos)

Nesse aspecto, observa-se que, a partir do seu envolvimento com Aleixo, Bom-Crioulo muda por completo seu comportamento, já que não estava mais cumprindo corretamente suas obrigações como marinheiro. A relação desses personagens é denominada de “amizade escandalosa”, que nos remete à ideia de rejeição por parte do comandante e dos demais marujos. Além do mais, conforme observa Thomé (2009), as reticências usadas no trecho acima supõem um pensamento que visa moralizar a conduta sexual entre os dois protagonistas do romance.

Amaro até tinha tentado se envolver sexualmente com mulheres, quando tinha vinte anos, mas foi em vão, já que nunca obteve plena satisfação sexual com o sexo oposto. Todavia, sempre deu preferência a rapazes e, agora, não conseguia parar de pensar no “seu Aleixo”:

Nas horas de folga, no serviço, chovesse ou caísse fogo em brasa do céu, ninguém lhe tirava da imaginação o petiz: era uma perseguição de todos os instantes, uma ideia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo como se ele fora do outro sexo, de possuí-lo, de tê-lo junto a si, de amá-lo, de gozá-lo!...(CAMINHA, 2013, p. 37, grifos nossos)

Nessa direção, é importante frisar que esse fragmento faz alusão ao desejo erótico, já que este está inserido na mentalidade humana (PAZ, 2001). Baseado

nisso, após as frustrações com prostitutas, Bom-Crioulo, apesar de julgar indecente a prática sexual com o mesmo sexo, pois “(...) revolta-se contra semelhante imoralidade (...) (CAMINHA, 2013, p. 37)”, não conseguia afrontar essa força que se expandia de prazer e, assim, a única maneira era “sacrificar” o grumete em prol de seu desejo.

Certo dia de folga, Amaro passa a refletir sobre possíveis maneiras de saciar “(...) o seu forte desejo de macho torturado pela carnalidade grega” (CAMINHA, 2013, p. 47). Nesse sentido, destaca-se que a volúpia sexual do Bom-Crioulo é descrita como algo que advém dos gregos. Ainda nessa linha de pensamento, vê-se que, em nenhum momento, o narrador pronuncia o termo “homossexualidade”, mas, a todo o momento, deixa claro para o leitor qual a temática abordada no romance.

Impossibilitado de ocultar sua aspiração sexual, Amaro procura convencer o grumete, “estimulando-lhe o organismo” (CAMINHA, 2013, p. 47), para que passem a noite juntos. O Bom-Crioulo, sem conseguir “resistir aos impulsos do sangue”, seduz Aleixo, eles se tornam amantes e se entregam ao prazer sexual, conforme abaixo:

Depois de um silêncio cauteloso e rápido, Bom-Crioulo, aconchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa, não teve ânimo de murmurar uma palavra. Viu passarem como em sonho, as mil promessas de Bom-Crioulo: (...) Uma sensação de ventura infinita espalhava-se em todo corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade... (...) E consumou-se o delito contra a natureza. (CAMINHA, 2013, p. 48, grifos nossos).

Conforme o trecho, é possível perceber que Aleixo se sente encantado com as promessas de Amaro, imagina tudo o que há de incrível no Rio de Janeiro e, por um misto de aventura, cede às vontades do Bom-Crioulo, o que nos leva a compreender que Aleixo não nutre nenhum sentimento por Amaro. Quando o narrador afirma que “consumou-se o delito contra a natureza”, nota-se que esse fragmento remete ao momento da penetração sexual, instante em que o narrador interrompe, bruscamente, com um proferimento de palavras que deixa velado um

olhar de rejeição do ato cometido pelos protagonistas, pois, nas palavras de Thomé (2009, p. 93), “como é sem qualquer interferência que ele denominará de ‘delito contra a natureza’ o ato homossexual entre os dois personagens (...)”, ou seja, a relação homoerótica é julgada pelo narrador como um ato criminoso, que corrompe as leis naturais, levando a compreender que o homoerotismo é algo imoral e anômalo, já que está relacionado com uma irregularidade do organismo.

No decorrer da narrativa, Amaro “(...) exterioriza seu pensamento através do narrador (...)” (THOMÉ, 2009, p. 93) ao constatar que “nunca se apercebera de semelhante anomalia... (...)” (CAMINHA, 2013, p. 51). Por esse prisma, compreende-se que o personagem é induzido pelo narrador a atribuir ao seu comportamento sexual transtornos irregulares do organismo, que tratam a homossexualidade como uma aberração do sexo. Mesmo assim, Amaro afirma que é homem, pois tinha suas “necessidades como qualquer outro” (CAMINHA, 2013, p. 51), já que chegou até mesmo a “cometer excessos que os médicos proíbem” (CAMINHA, 2013, p. 51), isto é, a prática da masturbação que, naquela época, era totalmente coibida pela medicina, mas, mesmo assim, bastante comum. Na verdade, é importante observar que a masturbação pode estar associada à homossexualidade de Amaro, uma vez que, para Castello Branco (2004), a prática masturbatória poderia levar o indivíduo a praticar o homossexualismo, além de outras doenças de instinto sexual.

Além da masturbação, a “perda” do sêmen de Amaro também é retratada nessa obra, conforme a passagem abaixo:

Deitou-se a um canto, longe de todos, e adormeceu imediatamente num sono cataléptico. Ao primeiro toque de alvorada espreguiçou-se, abrindo os olhos com surpresa, e sentiu-se alagado. – oh!... – Passou a mão no lugar úmido, tateando, e verificou, cheio de indignação, cheio de tédio, com um gosto de náusea, a irreparável perda que sofrera inconscientemente durante o sono – um verdadeiro esgotamento de líquido seminal, de forças procriadoras, de vida, enfim, que ‘aquilo’ era sangue transformado em *matéria!* Se ao menos tivesse gozado... Mas não sentira nada, absolutamente nada, mesmo em sonho! Dormira toda a noite como um porco, e o resultado ali se achava no lençol – quase um rio de goma profílica! (CAMINHA, 2013, p. 53, grifos no original).

Conforme o excerto acima, vê-se que, por meio de um discurso indireto livre, o narrador lamenta a perda do esperma, já que ele tem apenas como finalidade a

procriação. Apesar de ter ejaculado durante o sono, Amaro não atingiu o êxtase sexual, posto que, na verdade, não obteve nenhuma sensação de volúpia. A ejaculação noturna, expressa nesse trecho, é descrita minuciosamente de maneira constrangedora e repulsiva, pois, de acordo com Thomé (2009), essa ilustração textual designa bem o que muitos críticos asseguraram acerca desse romance, por afirmarem que o autor faz uso de cenas desnecessárias e que apenas têm o intuito de coagir o leitor.

Voltando ao centro narrativo, os marinheiros, protagonistas da obra, decidem residir na Rua da Misericórdia, localizada no Rio de Janeiro. Ao chegar lá, se instalam na pensão da portuguesa D. Carolina, uma ex-prostituta, descrita pelo narrador como “(...) uma senhora gorda, redonda e meio idosa” (CAMINHA, 2013, p. 56). Era amiga de Amaro e passou a ter um afeto por ele no dia em que o Bom-Crioulo salvou sua vida, quando ela foi abordada por ladrões.

Essa passagem do texto é um dado importante, porque envolve uma das cenas mais intensa do romance em análise, já que esse espaço ficcional será composto por um trinômio amoroso, o qual atribui aos personagens papéis trocados (MOISÉS, 1985), como veremos adiante.

Aleixo e Amaro ficaram instalados em um sótão, um quartinho bem pequeno e sujo, mas que, aos poucos, foi adquirindo “nova feição” graças a Amaro, que sempre comprava enfeites, bugigangas e outros objetos para seu novo “lar”. Passaram um ano tendo uma vida calma, trabalhavam durante o dia, duas vezes por semana; e à noite se faziam cumprir o prazer carnal entre “um homem e uma mulher”:

Ficavam em ceroulas, ele e o negro, espojavam-se à vontade na velha cama de lona, muito fresca pelo calor, a garrafa de aguardente ali perto, sozinhos, numa independência absoluta, rindo e conversando à larga, sem que ninguém os fosse perturbar – volta na chave por via das dúvidas... (CAMINHA, 2013, p. 61).

Com base no fragmento acima, Aleixo e Amaro passaram a viver como amantes, moravam e dormiam juntos. No entanto, o Bom-Crioulo é chamado para trabalhar em outro navio, tendo que ficar uns dias distante do “seu grumete”. A partir desse momento, o envolvimento entre eles passa a sofrer várias crises, que deixarão marcas profundas, principalmente na vida de Amaro:

Com o espírito cheio de apreensões, o olhar triste e a face carrancuda, estreitou ao peito seu querido Aleixo e, sem proferir palavra, mudo na sua tristeza, como um preso que deixa uma prisão para entra noutra, viu desaparecerem os mastros da corveta e a sombra do grumete que lhe acenava de longe, na penumbra crepuscular, vaga e nebulosa, como a própria saudade. (CAMINHA, 2013, p. 67, grifos nossos).

Sem Amaro ao seu lado, Aleixo até sente certo alívio, pois “o negro não lhe fazia muita falta” (CAMINHA, 2013, p. 70) e já tinha até pensado em arrumar “um caso” com um homem de ascensão social, já que, ao lado do Bom-Crioulo, jamais teria uma boa vida, visto que este não tinha algo de bom para lhe oferecer. Nesse ponto, é necessário destacar que o erotismo presente em Aleixo faz menção a características femininas, tendo em vista que, de acordo com Alberoni (1993), o erotismo feminino está associado ao status econômico do parceiro perante a sociedade. Por outro lado, Amaro está relacionado à postura erótica masculina, pois se fascina por Aleixo devido a sua aparência física, pois tinha o costume de pedir para que ele se despisse por completo, apenas para que pudesse contemplar o corpo do garoto, já que ele “(...) vibrava, demorando-se na idolatria pagã daquela nudez sensual (...)” (CAMINHA, 2013, p. 62-63).

Com a ausência de Amaro, D.Carolina, inescrupulosamente, já dava indícios de insinuação para o grumete, chamando-o “carinhosamente” de “meu bonitinho”. Na verdade, sua real intenção era conquistar o jovem marinheiro, conforme o trecho abaixo:

Há dias metera-se-lhe na cabeça uma extravagância: conquistar Aleixo, o bonitinho, tomá-lo para si, tê-lo como amantezinho do seu coração avelhentado e gasto, amigar-se com ele secretamente, dando-lhe tudo quanto fosse preciso: roupa, calçados, almoço e jantar nos dias de folga – dando-lhe tudo enfim. (CAMINHA, 2013, p. 72, grifos nossos).

Nesse ponto, destaca-se que Aleixo já estava sentindo uma forte atração por D. Carolina, já não a achava tão velha, dizia a si mesmo que a idade não importava, mas apenas a fisionomia e o corpo. Finalmente, a portuguesa o seduz e consegue arrastá-lo para a cama:

Ela, de ordinário tão meiga, tão comedida, tão escrupulosa mesmo, aparecia-lhe como um animal formidável, cheio de sensualidade, como uma vaca do campo extraordinariamente excitada, que se atira ao macho antes que ele prepare o bote... (CAMINHA, 2013, p. 76, grifos nossos).

No fragmento acima, percebe-se que o narrador utiliza o zoomorfismo para caracterizar a atitude de D. Carolina. Ela é vista como uma vaca, insaciável de desejo, que visa satisfazer por completo seu deleite sexual. Diante disso, há um aspecto interessante, pois, a partir daí, surge um triângulo amoroso, no qual “o alvo da disputa” é Aleixo, desejado por Amaro e D. Carolina, personagens que serão representados como “(...) o macho gay, o adolescente e a mulher masculinizada” (LOPES, 2002, p. 126). Por esse ponto de vista, destaca-se que todos eles são descritos de maneira contraditória, já que assumem papéis colidentes a respeito de suas personalidades.

O curioso, na verdade, é que D. Carolina “atua como homem, pois conquista Aleixo, em vez de ser conquistada” (MOISÉS, 1985, p. 67). Ainda assim, o jovem grumete passa a ser retratado como “homem em formação”, já que está vivenciando sua primeira relação íntima com o sexo oposto. Desse modo, pode-se afirmar que, antes, Aleixo sofria do “vício da homossexualidade”, no entanto, se regenera, já que, conforme Thomé (2009, p. 88, grifos no original) o romance tenta repassar a “(...) ideia de que a mulher teria o poder de *salvar* um sujeito de seus desejos desviantes, de que um homossexual poderia ser *curado* a partir da intervenção direta de uma mulher”. Baseado nisso, compreende-se que, graças à intervenção da portuguesa, Aleixo deixou de padecer de uma suposta patologia sexual, no caso, a homossexualidade.

Aleixo, que era comparado pelo narrador a todo instante a uma mulher, passa a sofrer uma nova transformação, depois de se manter distante de Bom-Crioulo. A partir desse momento, o belo jovem assume uma nova postura na narrativa, “(...) que é, sem dúvida, a grande surpresa do romance” (THOMÉ, 2009, p. 86). Isso ocorre porque, no início da narrativa, Aleixo era vinculado diretamente à figura feminina, todavia, após se envolver com a portuguesa, deixa de remeter características voltadas a uma mulher, porquanto, agora, deixou de “praticar o homossexualismo”.

Bom-Crioulo passou vários dias sem visitar Aleixo e, cheio de saudades, decide fugir e vai ao encontro do grumete, porém, ao chegar à pensão, não

encontra seu amado. Furioso, embriagou-se e envolveu-se numa briga, o que acarretou sérias consequências, pois foi castigado de forma tão severa na Marinha, que foi preciso levá-lo ao hospital.

No leito do hospital, ainda com saudades de Aleixo, decide mandar um bilhete pedindo para ele ir visitá-lo, porém, D. Carolina, ao saber do ocorrido, resolve esconder tal acontecimento. Ao ter acesso ao bilhete, Aleixo se nega a ir ao encontro do Bom-Crioulo, pois “nunca o estimara”, sentia nojo e desprezo pelo negro.

Herculano, um colega de bordo de Amaro, vai visitá-lo no hospital e acaba confessando ao Bom-Crioulo que Aleixo estava “amigado” com uma mulher, o que provoca a ira de Amaro:

Amigado, o Aleixo! Amigado, ele que era todo seu, que lhe pertencia como o seu próprio coração: ele, que nunca lhe falara em mulheres, que dantes era tão ingênuo, tão dedicado, tão bom!... Amigar-se, viver com uma mulher, sentir o contato de outro corpo que não o seu, deixar-se beijar, morder, nas ânsias do gozo, por outra pessoa que não ele, Bom-Crioulo!... (CAMINHA, 2013, p. 122, grifos nossos).

Amaro, inconformado com a traição, foge da enfermaria e vai procurar pelo amado na Rua da Misericórdia. Chegando lá, decide perguntar a um empregado de uma padaria se conhecia D. Carolina e, para seu desespero, acaba descobrindo toda a verdade. Ao avistar Aleixo,

O negro teve um daqueles ímpetos medonhos, que o acometiam às vezes; garganteou um – oh! Rouco, abafado, comprimido, e, ligeiro, furioso, perdido de cólera, sem dar tempo a nada, precipitou-se, numa vertigem de seta, para a rua. Não via nada, não enxergava nada, trespvairado, como se de repente lhe houvesse faltado à luz dos olhos e a razão do cérebro (...). (CAMINHA, 2013, p.130).

Movido por ódio e vingança, Amaro, sendo incapaz de controlar seus instintos, assassina Aleixo. Após matar o grumete, Bom-Crioulo vai embora triste e desamparado. Depois dessa atrocidade:

– Mais um carro rodou, todo lúgubre, todo fechado, e a onda dos curiosos foi se espalhando, se espalhando, té cair tudo na monotonia habitual, no eterno vaivém. (CAMINHA, 2013, p. 133).

Dessa maneira, tem-se o desfecho do romance *Bom-Crioulo* com um final trágico, mas que possui um propósito, já que, conforme Moisés (1985, p. 68) “(...) o assassinio de Aleixo assume foros de expiação, ritual de purificação, como se, através dele, Amaro, escravo fugido, se desforrasse das instituições, simbolizadas em Aleixo”. Por essa visão, é possível compreender que o término calamitoso da obra em estudo foi intencional, visto que pretendia castigar os personagens protagonistas por causa da sua homossexualidade. Desse modo, a representação da morte de Aleixo é vista como uma maneira de tentar purificar Bom-Crioulo do seu “vício”.

Em outras palavras, nem Amaro, nem Aleixo conseguiram concretizar sua felicidade por causa da sua “inversão” (conforme o pensamento que predominava nessa época), pois os infortúnios presentes na relação dos protagonistas foram premeditados pelo autor, já que visavam punir aqueles que se entregassem ao “vício sexual”. Diante dessa constatação, Costa (1992, p. 48) observa que “no naturalismo, a relação entre criminalidade e homoerotismo [...] expande-se e reforça a imagem do ‘homossexualismo’ como desejo ou comportamento anti-social”. Com base nessas ideias, ressalta-se que era associada ao homossexual uma imagem que vinculava a brutalidade física e sexual, características que foram depositadas no personagem Amaro. Isso ocorre porque, de acordo com Costa (1992), o Naturalismo levava a comprovar que a homossexualidade provocava relações sexuais infames e animais, que não tinham controle, além de implicar que a prática homoerótica ia contra os princípios naturais, impostos pela fisiologia.

Bom-Crioulo retrata a homossexualidade como uma patologia viciosa, pois, com base nos preceitos naturalistas, “o patológico torna-se regra” (MOISÉS, 1985, p. 18). Nesse aspecto, o envolvimento homoerótico no romance analisado não é visto de forma benéfica, porque está relacionado à marginalidade sexual que, via de regra, conforme a época, era uma enfermidade do sexo, um vício clandestino.

Outro dado interessante na obra é que, apesar de o narrador tratar sutilmente a temática homoerótica nesse romance, ele ainda assume uma postura moralista a respeito do tema, já que, embora Caminha deixe a “impressão de um narrador *isento*, sem preconceitos, um olhar mais cuidadoso prova, contudo, que tal isenção é apenas aparente, e que no bojo do texto subjaz uma ideologia de caráter conservador (...)” (THOMÉ, 2009, p. 91, grifos no original). Desse modo, o narrador denota uma atitude que inferioriza a “conduta homossexual”, visto que, imbuído de

um pensamento altamente conservador, visa condenar o envolvimento homoerótico entre os protagonistas.

Por fim, Thomé (2009, p. 93, grifos no original e nossos) aponta outro fator que confirma que o romance em estudo desaprova a prática homoerótica, ao assegurar que:

Contudo, ainda que raras tais inferências deixam transparecer o caráter moralista do texto, o que é ratificado pelo próprio autor no artigo '*Um livro condenado*' que fez publicar no n° 2 de *A Nova Revista*, um periódico mensal que circulou no Rio de Janeiro, de janeiro a setembro de 1896, onde, na defesa de seu romance, pergunta: 'Qual é o mais pernicioso: o *Bom-crioulo*, em que se estuda e condena o homossexualismo, ou essas páginas que aí andam pregando, em tom filosófico, a dissolução da família, o concubinato, o amor livre e toda a espécie da imoralidade social?'

Nesse ponto, evidencia-se que a intenção de Caminha não era apenas provocar a sociedade da época, mas também levar ao palco literário um romance que, apesar de audacioso, propendia a corroborar a ideia de que a homossexualidade era um vício do sexo e, que caso não fosse contido, poderia levar às mais sérias atrocidades. Em suma, Caminha não escreveu essa obra para combater ideologias que iam contra o envolvimento homossexual, mas simplesmente para auxiliar a difundir o pensamento de que a homossexualidade era uma desmoralização sexual e social (THOMÉ, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou explicar, no romance *Bom-Crioulo*, uma temática forte e audaciosa que possui como abordagem central o homoerotismo masculino, vivenciado entre personagens que possuem comportamentos que se contrapõem a sua personalidade. Foi possível perceber que essa obra está envolta de preceitos naturalistas respaldados no cientificismo, os quais culpam a homossexualidade pelos males causados ao próprio indivíduo homossexual e à sociedade.

Mesmo sendo considerado, por alguns críticos, o primeiro romance a ter como abordagem central o homoerotismo masculino, *Bom-Crioulo* foi reprimido e silenciado pela crítica e pela sociedade por um longo período, por causa da sua temática “inovadora”. Além disso, essa obra também foi acusada de abordar um assunto pornográfico, simplesmente porque não se limitou a transcrever minuciosamente cenas sensuais e sexuais no centro na narrativa. Contudo, essa obra se define pelo seu conteúdo erótico, visto que apresenta episódios que retratam o desejo sexual de maneira intensa, chegando até mesmo a provocar certa repulsa, todavia, em nenhum momento, estimula o prazer carnal no leitor e, por esse motivo, esse romance não se caracteriza pela pornografia, mas pelo seu erotismo explícito.

Embora o Naturalismo tenha dado uma maior visibilidade em levar para a prosa literária brasileira personagens homossexuais, essa estética acabou por reforçar a ideia de uma imagem patológica da homossexualidade, que passou a ser retratada como uma anomalia do sexo. Entretanto, destaca-se que foi justamente nessa época, durante o século XIX, que vigorou o pensamento de que as relações carnais entre pessoas do mesmo sexo eram “vícios sexuais” que desvirtuavam o sujeito adepto a essas “práticas”. Dessa forma, enfatiza-se que, a partir dessa época, o envolvimento íntimo entre iguais era visto pela sociedade como uma prática pervertida, que ia contra as normas religiosas e médico-científicas, que exaltavam a reprodução humana. Assim, as transgressões sexuais que rompiam com as cláusulas estabelecidas eram tratadas como comportamentos doentios, que necessitavam ser “curados”. Por essa razão, acreditava-se que a homossexualidade era uma enfermidade e que podia denegrir a moral social.

O interessante é que, embora tais acontecimentos estejam associados ao século XIX, percebe-se que, atualmente, ainda existem pessoas que possuem essa mesma mentalidade, já que acreditam que a homossexualidade é uma doença ou até mesmo uma atividade depravada, caracterizada pela falta de caráter do indivíduo.

A partir daí, vê-se o apreço da Literatura, que possui estimável importância para o meio social, visto que a arte literária consegue transpor para sua narrativa um reflexo da realidade ou, em outros termos, a Literatura pode apontar problemas que afligem a sociedade. Nesse aspecto, levanta-se um dado importante que é sua relação com a História e a Sociologia, pois, por meio da contextualização histórica, é possível compreender, como também conhecer, a sociedade de determinado período. Portanto, entende-se que *Bom-Crioulo* está associado a aspectos históricos e sociológicos interligados à arte literária, porque essa obra veicula pensamentos conservadores a respeito do homoerotismo.

No romance analisado, perpetuam ideologias que acreditavam que a prática homoerótica era um tipo de conduta que estava consignada a fatores biológicos e que determinariam aspectos doentios e irregulares ao homem. Devido a isso, o personagem Amaro é retratado, na narrativa, como um indivíduo que padece do “vício sexual” e, por esse motivo, para tentar se “curar desse mal”, assassina Aleixo, o que pode ser entendido como uma punição aplicada aos protagonistas da trama por adotarem comportamentos repelidos pelo meio social.

Ademais, tendo conhecimento de que os romances naturalistas possuíam caráter diagnóstico, também tinham, como uma de suas intenções, alertar a sociedade, por meio dos romances, que a homossexualidade poderia implicar sérias barbaridades, as quais afetariam o indivíduo “desviante”.

Dessa maneira, conclui-se que o romance *Bom-Crioulo* desaprova por completo a prática homoerótica, porque estava impregnado de ideias naturalistas, além de cultivar, no eixo narrativo, pensamentos conservadores que, assim como o Naturalismo, acreditavam que a homossexualidade era uma doença de instinto sexual, que desvirtuava os indivíduos para que cometessem atos tidos como “viciosos” que os corrompiam. Por outro lado, embora essa obra culpe a homossexualidade pela fatalidade no fim da trama, ressalta-se que, ainda assim, *Bom-Crioulo* evidencia que “o tipo de Amaro, [...] é dos mais realizados da ficção brasileira (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 173), porque remonta à fraqueza humana e,

acima de tudo, vive densamente sua paixão carnal, enfrentando o orgulho e, principalmente, a dor de “amar” e não ser amado, ou melhor, de “amar” e ser castigado por causa da sua “anomalia sexual”.

REFERÊNCIAS

ALBERONI, Francesco. **O Erotismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e Homoerotismo em Questão**. São Paulo: Dialogarts, 2006.

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. – (Debates 24; dirigido por J. Guinsburg). Título original: Critique ET Vérite e Essais Critiques, 2ª reimpr. da 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007

BATAILLE, George. **O erotismo**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. **Adolfo Caminha**: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BULHÕES, Marcelo. **Leituras do desejo**: O Erotismo no Romance Naturalista Brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **Eros travestido**: Um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

_____. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1992.

_____. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: edições Graal, 2004.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Global, 2004.

DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e Literatura**. São Paulo: Ática, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 17ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, Ltda. 2006. v. 1. Título original: *Histoire de la Sexualité: La volonté de savoir*.

_____. **História da Sexualidade II**: O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 12ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007. V.2. Título original: *Histoire de la Sexualité 2: L'usage de plaisir*.

FRY, Peter. **Para Inglês Ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. 7ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LOPES, Denilson. **O Homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **História da literatura brasileira**: Prosa de ficção (de 1870 a 1920). Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**: realismo. São Paulo: Cultrix, 1984.

PAZ, Octávio. **A dupla chama**: amor e erotismo. São Paulo: Siciliano, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

THOMÉ, Ricardo. **Eros Proibido**: as ideologias em torno da questão homoerótica na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Nova Razão Cultural, 2009.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ZOLA, Emile. **O romance experimental e o naturalismo no teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

APÊNDICES



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Flávia Gonçalves Paiva,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Entre a Audiência, o Povo e o Príncipe Proibido: O Homo-
viduismo em Bom-Visado, de Adolfo Caminha
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 23 de Janeiro de 20 .

Flávia Gonçalves Paiva
Assinatura